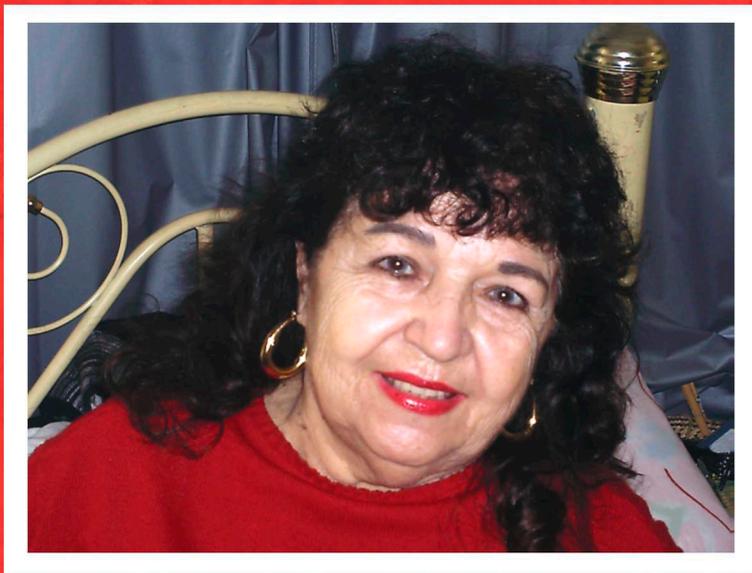


PADAN
FERNANDEZ

AVIDENTE



A VIDENTE

Esse é um lançamento póstumo, uma forma de homenagear à trajetória espiritual e de vida, de minha mãe, a cartomante e quiromante, Padan Fernandez.

Nelson Neraiel

Padan Fernandez foi aeromoça da **Companhia Aérea Cruzeiro do Sul**, onde fez parte das tripulações que serviram os presidentes **Juscelino Kubistchek** e **João Goulart**. Foi fotógrafa profissional e cantora de MPB, entre outros estilos, atuando em várias casas noturnas do Rio de Janeiro.

Sua descendência de ciganos espanhóis, sua mediunidade e sensibilidade acabaram por levá-la ao mundo das ciências ocultas, tendo se tornado uma Cartomante e Quiromante de grande reconhecimento.

Com este livro, agrega agora uma nova atividade ao seu currículo, a de escritora.

Optchá meu povo Cigano!

PADAN
FERNANDEZ

A VIDENTE



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernandez, Padan
A vidente [livro eletrônico] / Padan
Fernandez. -- João Pessoa, PB : Ed. do Autor, 2025.
PDF

ISBN 978-65-01-42832-1

1. Cartomancia 2. Espiritualidade 3. Fernandez,
Padan, 1937-2015 4. Mulheres - Biografia 5. Mulheres
- Histórias de vida 6. Relatos pessoais I. Título.

25-267614

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Biografia 920.72

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



PREFÁCIO

Senhores leitores os acontecimentos por mim narrados que deram origem a este livro são fatos reais, que aconteceram durante muitos anos em minha trajetória terrena. Para melhor compreensão de todos dividi em duas partes. A primeira parte conto minha odisseia com os fenômenos paranormais alheios a minha vontade, que durante alguns anos fizeram parte da minha existência. Na segunda parte falo em forma de contos, alguns acontecimentos que se passaram comigo. São igualmente verdadeiros. Aos sete anos começaram as visões, vozes e tudo mais que tinha o direito de ver e ouvir. Achava tudo muito natural, os anos foram passando e as coisas acontecendo, passei por dificuldades e muito sofrimento, mas minha fé nas três pessoas da santíssima trindade, Pai, Filho e Espírito Santo sempre presentes ao meu lado nos momentos de amargura, me deram forças para superar e ajudar ao meu próximo. Quando adulta procurei centros espíritas para saber por que aconteciam estas coisas, nas casas de Umbanda diziam que eu era médium de berço, quando ia as roças de Candomblé, em várias, nações diziam que eu era Abicúm, e não podia fazer o santo porque já nascera feita, se algum zelador de Santo me raspasse morreria ele ou eu, e diante dessas informações

não fui a centro nenhum e aceitei minha missão espiritual. Muitas vezes recebi recados para dar a pessoas que nem conhecia, na rua, o que fazia com a maior naturalidade. Durante muitos anos fui cartomante e quiromante, minhas clientes saíam satisfeitas com meu trabalho que sempre foi muito sério.

Sou descendente de ciganos, minha avó era cigana espanhola de Andaluzia. Herdei o dom das cartas, desta raça da qual me orgulho de pertencer. Sempre fui muito intuitiva e este dom muito ajudou em minha caminhada. É importante, contribui para esclarecer a medicina dos homens, muitos pacientes internados em manicômios não são loucos, e sim pessoas dotadas de um alto grau de mediunidade avançada, apenas não trabalhada e doutrinada.

Os psiquiatras, não importam que religião tenham, precisam ter o conhecimento necessário a respeito da espiritualidade, para distinguir o que é loucura ou mediunidade não trabalhada.

Paz profunda!

Guias de Luz



Aos sete anos fui entregue, por contingências da vida, à uma família que queria uma menina para criar como agregada. Eu gostei muito daquelas pessoas e por ser muito bonita, simpática e tranquila esta família gostou muito de mim e eu deles.

Os dias se passavam tranquilos, e uma senhora bondosa que fazia parte da família, me ensinou a fazer bainha aberta, onde eu desfiava o pano de saco e com linha vermelha juntava os fios. Fazia isso com gosto, sentada num banquinho no jardim em baixo de uma frondosa goiabeira. Aprendi também com ela, a fazer com pequenas rodela de tecido, um artesanato conhecido como fuxico, que esta senhora utilizava para fazer colchas, mantas para sofá e muitos outros tipos de artesanato. Tudo corria as mil maravilhas e eu me encontrava feliz vivendo com essa família e minha querida irmã Léia, até que uma noite comecei a ter visões. Primeiro apareceu aos pés de minha cama, uma nuvem que envolvia um grande homem com sua túnica branca e uma faixa azul claro na cintura, ele tinha cabelos claros, olhos azuis ou verdes, não me lembro ao certo, mas seu rosto sereno me transmitiu uma paz que nunca havia sentido. Tinha grandes asas brancas e me olhava de uma maneira carinhosa. Suas mãos estavam

como que me abençoando. Esse homem não falava nada, mas eu sabia que ele era um bom amigo, por isso eu não tinha medo, sentia-me segura. Certa vez, acordei de repente com sede, e vi no canto do meu quarto um homem negro velho, que usava um terno branco com um lenço vermelho amarrado em seu pescoço. Esse velho negro usava um chapéu de palha na cabeça e na boca um cachimbo que tranquilamente fumava e me olhava com um olhar firme... Eu podia até sentir o aroma invadir o ambiente de meu humilde quarto. Tive medo. Assustada e chorando, eu corria para o quarto do casal, como de costume, onde me acolhiam na cama com eles. Minha vida com esta família seguia alegre e feliz porque minha irmã Léia, também estava sendo criada por essas bondosas pessoas que eram seus padrinhos, e me aceitaram com carinho para que as duas irmãs fossem criadas juntas. Uma noite, apareceu um homem de pele muito morena como de um índio, usava uma espécie de cinturão com penas coloridas e um cocar tão lindo quanto as que ele usava na cintura. Essa visão, distinta das outras, me arrepiava o corpo porque este homem estranho tinha bondade nos olhos que me fazia sentir protegida, mesmo tendo feições muito sérias. Tomada pelo medo e chorando, como de costume, corria para o quarto do casal que com muito carinho e paciência me acalmava. Outras vezes, aparecia um esqueleto encostado na parede de meu quarto, movendo-se e sorrindo para mim. Deste, eu tinha pavor e me assustava mais do que os outros. O casal, por não entender o que acontecia comigo, assustados e sem saber o que fazer, devolveram-me para a casa das pessoas que estavam criando minha outra

irmã, Albenita. Só com a idade adulta, eu vim saber que as pessoas que me visitavam eram entidades que faziam parte de minha egrégora espiritual. Obrigada pelas visitas, amigos!

COLÉGIO INTERNO

Aos onze anos, repeti o terceiro ano primário, e para me castigar, minha mãe me colocou num colégio interno na Rua Teixeira Júnior, em São Cristóvão. O prédio era muito grande e tinha um jardim bonito, com um lago cheio de variedades de peixes ornamentais.

Todo o dia pela manhã assistia a missa e a noite rezava o terço, gostava deste colégio e das freiras que o administravam. Por ser alegre e viver cantarolando, todos gostavam muito de mim. Todos os fins de semana minha mãe que tinha um Fusca, vinha me buscar para passar o fim de semana e quando voltava ao colégio, reunia as minhas amigas que não recebiam visitas e só iam para casa no final do ano, e contava o filme visto no domingo com detalhes, elas gostavam, me sentia bem em dar-lhes esta alegria. No final do ano eu trabalhava no teatrinho, cantava e dançava na festa de encerramento do ano letivo. Era muito popular. Nosso dormitório ficava por cima do refeitório, cujo assoalho era de tábuas corridas. Para chegar ao dormitório tínhamos que passar por um jardim interno e subir uma escada de cimento bem íngreme, entrar numa sala de aula para então chegarmos a porta que só era aberta quando chegávamos com a freira que era a irmã Izabel. Neste dormitório havia um cômodo feito de madeira com

um quadrado de metal com vários furos onde a freira via tudo que se passava que se chamava cela. Um dia acordei de madrugada ouvindo um miado de filhote de gato, chamei a irmã, falei o que estava ouvindo, ela simplesmente me mandou rezar e dormir, não conseguindo e continuando a ouvir os miados chamei novamente pela irmã que me mandou rezar e dormir, depois de algum tempo os miados pararam e começou um barulho ensurdecedor vindo da sala de aula como se as carteiras que eram pesadas e presas a grandes bancos, estivessem sendo jogadas umas contra as outras, era impossível. Bati na cela da irmã falando que tinha ladrão na sala, ela por não ouvir o barulho como não ouvira os miados do gato mais uma vez me mandou fazer uma oração e dormir, obedeci depois de muito custo adormeci apesar do barulho. No dia seguinte pela manhã quando a freira abriu a porta do dormitório vimos as pesadas carteiras amontoadas como se tivessem sido jogadas umas contra as outras. A freira e as meninas ficaram boquiabertas então falei: Viu irmã Izabel como eu falei a verdade, mas a senhora não acreditou. A porta e as janelas estavam fechadas e não tinha como alguém entrar, e as chaves das salas ficavam com a freira dentro da cela. Ninguém aparentemente soube dizer o que acontecera naquela madrugada e o caso foi abafado. Eu e a irmã Izabel fomos testemunhas desse fato sobrenatural.

MENTORES INDIANOS

Aos quatorze anos morava com minha mãe, avó e meu pai Luiz, na Rua dos Artistas número 43. Era uma

casa muito grande e bonita. Eu gostava de morar lá, tinha várias amigas, Ilma Peçanha Ribeiro, Rosa Lerner, Samuel, seu irmão Jaime, sua irmã Geni que era uma fofura de menina. Um lindo sinal no rosto, que espero não tenha tirado, todas as tardes nos reuníamos no meu portão e ficávamos horas conversando contando casos e cantando era tudo de bom. Tenho saudades e gostaria de rever estes meus amigos, será que o destino permite? No grande quintal ao lado da garagem havia um quarto onde dormia a avó Ana, eu ficava com ela que era costureira, gostava de fazer roupas de boneca, sentada na cama. Meu pai Luiz era da marinha, um homem de grande espiritualidade, era também um grande vidente, certa vez foi chamado para dirigir um centro espírita na Índia porque ele era médium de transporte.

Um dia ele chegou por fora da janela do quarto da avó e disse: – D. Ana, hoje de madrugada recebi a visita de um casal de indianos, eles vieram me avisar que em breve farei a passagem para o outro lado da vida, também me contaram que são os mentores desta menina, ela teve uma vida passada na Índia, e a senhora não tem ideia do sofrimento que vai ser a passagem dela aqui na Terra. Não estarei aqui para ajudar, mas eles estarão sempre ao lado dela dando proteção, ela tem um espírito muito iluminado e vai superar todo o sofrimento.

Um ano depois pai Luiz faleceu, eu gostava muito dele.

Obrigada amigos por esta proteção, que até hoje sinto.

UM SER DE LUZ

Na época que este fato aconteceu, eu, mamãe, pai Luiz e avó Ana havíamos nos mudado para uma casa na Rua Ana Neri 98, próximo ao largo do Pedregulho (ainda não tinha se formado a comunidade o Tuiuti), tudo era apenas um grande barranco. Meus pais adotivos haviam comprado esta casa e feito uma grande obra porque a casa era velha, muito grande e num ponto central. Numa noite, quando eu fui ao noivado da Ana Maria perto de casa, tive uma surpresa quando ao voltar, estava estacionada na porta da casa uma ambulância, entrando, verifiquei que pai Luiz estava passando muito mal, o médico que o atendia precisava que alguém o ajudasse a fazer uma sangria, procedimento da época, e vendo que minha mãe não tinha coragem e minha avó era muito idosa, me ofereci. O médico me pediu um copo, ele cortou a veia do braço esquerdo do pai, e eu segurei o copo embaixo, mas apesar das massagens o sangue que saiu era pouco porque estava muito grosso, papai foi levado para o Hospital Souza Aguiar, e horas depois veio a falecer. Minha mãe, cujo apelido era Loló, era professora de piano, mas parara de lecionar. A pensão da Marinha estava demorando a sair, e ela resolveu vender a casa, embora todos fossem contra.

Creio se passaram uns dois meses, mamãe foi dormir no quarto que era meu e eu fui dormir no que era do casal, minha mãe era muito medrosa. Um dia acordei com uma luz vinda de um ser formado somente de luz, em toda sua forma, o quarto ficou todo iluminado e eu simplesmente olhava admirada. Minha mãe, do quarto dela, viu a claridade através da porta de comunicação entreaberta e não

ouvindo o ranger da minha cama que era Patente Azul me chamou e perguntou o que estava acontecendo. Respondi que papai estava ali no quarto, nisso o ser de luz fez um movimento, abriu a porta e saiu.

Fui ao quarto dela e contei o que vira. Juntas fomos ao quarto da avó Ana que estava doente de cama e ao chegarmos, vovó falou: – Eu estava sonhando com o Luiz, ele disse para você não vender a casa.

Não adiantou o aviso, ela vendeu a casa com prejuízo.

ELAS EXISTEM

Fui criada no catolicismo e passei bom tempo em colégio de freiras, por conta disso sempre cultuei as Santas Almas. As segundas-feiras ia a uma igreja e acendia velas para as Almas no lugar reservado para esse fim. Acendia uma vela para as almas daqueles que morreram em estado de aflição, uma vela para as almas dos escravos que em vida sofriam nas fazendas sob a chibata dos senhores seus donos, uma vela para as almas dos meus ancestrais e uma vela para as almas Santas e Benditas.

Sempre que me via em apuros ou precisava resolver algum problema, recorria as Santas Almas e elas atendiam aos meus pedidos, assim foi durante anos. Quando casei, devido a uma série de problemas, deixei de ir à igreja para acender as velas. Estava grávida de cinco meses, e meu marido estava viajando, pois era piloto da Companhia Cruzeiro do Sul onde eu era comissária de bordo, nesta época nós morávamos num grande apartamento na Lagoa,

o quarto onde dormíamos era o maior do apartamento, muito arejado, dando vista para um morro arborizado, onde pela manhã eu via uns macaquinhos, ouvia o cantar dos pássaros e também via a Lagoa Rodrigo de Freitas, era uma vista muito linda. Uma noite, quando estava dormindo em minha cama que era bem grande devido a estatura do meu marido, senti o lençol que me cobria cair no chão, levantei, peguei o lençol e me cobri, e quando estava quase pegando no sono senti, nitidamente, que deram um puxão no lençol, que caiu novamente. Desta vez não levantei para pegá-lo, fiquei temerosa, passaram-se alguns segundos e fiquei perplexa quando puxaram meu baby-doll com tanta força que arrebentou a alça. Não sabia o que fazer, então perguntei: – Quem está aí? O que vocês querem? Para minha surpresa ouvi uma voz rouca. – Nós somos as Almas, você nunca mais acendeu velas para nós e nem rezou para nos pedir ajuda.

Entendendo o que acontecia sentei na cama e falei em voz alta que minha vida mudara e que não podia mais dar prosseguimento aquele ritual de acender velas. Fiz uma oração pedindo desculpas a elas, deitei e dormi em paz, mas sempre que me era permitido acendia as velas, não mais com a mesma assiduidade de antes.

As Almas entenderam a minha situação, e sempre que estou numa situação difícil recorro a elas e de pronto sou atendida. Obrigada minhas amigas por compreenderem minha vida terrena e não terem se afastado de mim.

TERCEIRA VISÃO

Levava uma vida atribulada e de muitos aborrecimentos com meu marido. Tinha boa mesa, roupas, todo conforto possível mais não tinha paz, devido aos maus tratos.

Grávida de seis meses de uma menina, meu marido viajando por conta do trabalho, estava frio e fui dormir cedo, de repente, ao virar para o outro lado, pois a barriga já incomodava, vi ao meu lado em cima da cama as pernas de um homem bem moreno que brilhava como se passara óleo de praia, pensei que era um ladrão e continuei olhando para aquele homem, seu peito era largo e sem pelo como o de um atleta, sua testa tinha duas entradas e seu cabelo emplastado de óleo, mas no lugar do rosto havia uma caveira que sorriu para mim, levei um susto, cobri o rosto e comecei a rezar como mandavam as freiras do colégio e assim voltei a dormir. Nos dias seguintes me lembrei do que havia visto, sem nada entender porque naquela época não frequentava centro espírita.

Passaram-se sete dias, continuava a relembrar aquela aparição, quando após o almoço estava conversando com a babá das crianças uma senhora portuguesa, muito competente, senti umas dores na barriga. Não chorei porque minha mãe vinha almoçar em casa, pois era aniversário dela, e não queria dar a perceber que houvera um desentendimento, isto me fez mal e comecei a entrar em trabalho de parto. Fui para o hospital e nasceu minha filha que depois de quatro dias veio a falecer, se ela fosse viva hoje não teria o pé direito por ter nascido prematura,

devidos aos maus tratos que sofri durante sua gravidez.

– Desculpe se por falta de conhecimento, não entendi o aviso.

SEGUNDA VISÃO

Quando tive esta visão trabalhava como fotógrafa de estúdio numa firma que fotografava, alugava becas e tudo relacionado a formaturas, na Rua da Relação. Adorava o meu trabalho gostava de posar os formandos e às vezes aparecia um batizado, quinze anos. Com casamentos me realizava, enquanto arrumava espaço para fazer as fotos usando minha criatividade. Meu trabalho era muito bom, mas sem carteira assinada e ganhando pouco tinha que fazer uns extras como “o paradinho nos fins de semana no Jardim Zoológico.” Chegou o fim do ano e o trabalho dobrou, estava aborrecida por ser obrigada a trabalhar no último dia do ano, e ter que fotografar uns formandos retardatários. Quando terminei, fiquei bem, havia feito um bom trabalho. Indo para casa fiz o caminho de sempre, ao chegar à porta do Instituto Médico Legal na Mem de Sá, em frente à quinta DP. Ao meu lado estava um homem com uma sacola de papel pardo que se usava nos mercados, ele vestia um terno surrado marrom claro e um chapéu de feltro bem velho, estendendo a mão me pediu um dinheiro, irritada respondi que não tinha, mas a voz mandou eu dar, abri a bolsa tirei umas moedas e lhe entreguei dizendo: – Não vá beber com meu dinheiro, eu trabalho muito e tenho filhos pequenos para sustentar, ele muito calmo falou, senhora eu não bebo e abrindo a

bolsa mandou que eu olhasse para dentro, qual foi o meu espanto quando vi que lá estava um livro grosso preto com letras douradas desbotadas escrito SÃO CIPRIANO, então comentei, eu conheço ele o sinal abriu e juntos começamos atravessar a rua mas antes de chegarmos a calçada ele simplesmente desapareceu. Neste momento me lembrei que tivera um sonho com este santo, eu estava ajoelhada numa igreja barroca e ao meu lado apareceu um padre que sorrindo, perguntou, Padan como vão às cartas?, respondi vai tudo bem, mas como você sabe que eu jogo cartas? Ele respondeu é porque estou sempre por perto de você. São Cipriano depois que deixou de ser feiticeiro ele foi padre, bispo depois virou um Santo. Só então compreendi que aquele homem não era humano.

DIA DE CHUVA

Era um fim de tarde, chovia muito saltei do ônibus na Rua Mem de Sá, pois morava na Rua Gomes Freire. Estava sem guarda chuva, ao meu lado passou um homem de meia idade com um guarda chuva bem grande indo na mesma direção que eu, pedi uma carona, prontamente fui atendida.

Der repente recebi um recado para dar aquele homem, o que fiz com a maior naturalidade, foi este o diálogo:

– O senhor esta esperando uma promoção no seu emprego? – Sim, estou, por quê? Como você sabe disso?

–É que recebi um recado para lhe dar. A promoção não vai sair agora, são três homens que tem que assinar? – Sim são três. – Acontece que só dois chefes vão concordar o terceiro acha que agora o senhor não esta apto, mas não

se preocupe daqui a seis meses o senhor vai ser promovido, mas tem que se mostrar competente, pois é um cargo de chefia, vai tudo correr bem. Espantado perguntou? Como você sabe que isso vai acontecer? Respondi que não sabia, mas que apenas obedecia à voz que falava comigo mandando dar os recados para as pessoas. Chegando a porta do prédio em que morava agradei a carona entrando normalmente.

Gostei de ter podido ajudar aquele ser humano.

CIGANO PABLO

Era uma linda tarde de verão, eu e mais dez cartomantes estávamos participando de um evento esotérico num grande shopping no bairro de Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro e cada uma de nós vestia suas roupas bonitas estilo cigana, embora poucas fossem de descendência cigana. O espaço destinado ao evento estava bem enfeitado com filós e muitas flores, tudo com muito gosto. Eu já havia atendido seis clientes e olhava o movimento da minha mesa, quando percebi um homem que nos olhava, pensei, ele está escolhendo uma de nós para jogar, ele comprou o ticket e veio para minha mesa, sentou e comecei a tirar as cartas, fui traduzindo o que elas diziam: Desenrolou o seguinte diálogo: – Você é feito no Santo? Há quanto tempo? – Eu sou feito no santo há vinte anos, mas não quero falar sobre isso. Continuei com a consulta e as cartas que saíam eram sempre sobre o mesmo assunto, e ele sempre dizia, passa adiante, não quero falar desse assunto. Em dado momento, lendo as

cartas que saíam, perguntei – O que houve com você que representa uma agressão ao corpo físico? – Foi uma operação, foi uma briga onde você foi ferido, afinal o que aconteceu?

– Eu levei um tiro numa briga, mas pensei que a senhora não ia descobrir isso, falou mais confiante no meu trabalho. Eu disse que todo o problema dele era tão somente espiritual por ter se afastado da nação em que fora feito no Santo. Ele disse que se desentendera com o dirigente da casa, mas se o problema era esse ele ia procurar outro lugar para cuidar dos seus orixás. Ele me contou a seguinte história, que ouvi emocionada: – Padan, eu tenho na entrada do meu apartamento uma imagem em tamanho grande do Cigano Pablo, coloquei nele cordão de ouro, pulseira, uma linda taça de cristal sempre com um bom vinho, frutas e um baralho, sempre cultuei o povo cigano, conversei com o Pablo contando os meus problemas, principalmente sentimentais, fazia pedidos até que um dia, ficando muito aborrecido por não ser atendido, resolvi despachar a imagem do Pablo, falei, vou procurar um lugar e te levar embora da minha vida, você não está me ajudando. O rapaz pegou o carro na garagem, ele morava em Ipanema, e quando parou, não sabendo como, estava em frente ao Shopping de Madureira, não sabendo como chegara até ali, e surpreso entrou no térreo onde estava o evento cigano, e sentiu que tinha que jogar com alguém, e após olhar para todas as cartomantes, me escolheu. Após ouvir atentamente a história, falei que o cigano Pablo era um mentor cigano que fazia parte da minha egrégora espiritual, e o levava até

mim por não ter culpa do que acontecia na vida daquele rapaz e não queria que ele despachasse a sua imagem, que era tão bem cuidada e o protegia sempre que precisava.

– Foi bom Cigano Pablo, você ter levado aquele rapaz para ajudá-lo, obrigado.

ALÉM DAS ESTRELAS

Na época em que aconteceu este estranho caso, frequentava uma fraternidade que cultuava os Mestres Ascencionados da Grande Fraternidade Branca e nesse dia tivemos uma palestra a respeito do Mestre Saint Germain. Eu e minha amiga Sueli ao sairmos do prédio na Rua Jardim Botânico, às vinte e uma horas, Sueli ficou esperando o ônibus comigo, eu era acompanhante de uma senhora na Barra da Tijuca, ficamos embaixo de um poste de luz, pois a rua estava um pouco deserta. Sueli olhando para o lado, falou. – Padan, tem um homem esquisito olhando para nós e eu estou com medo, olhei para aquele homem e nada senti de errado, ao contrário, ele sorriu para mim e sorri também, ele desceu o meio fio, ficou a nossa frente, era moreno tipo indiano, cabelo enrolado, usava roupas que se notava eram maior que ele, nos pés calçava sandália comum de dedo, e seu aspecto era limpo. Ele, olhando para cima, apontou com o dedo em direção ao poste, perguntei? – A lâmpada? Ele fez com a cabeça que não. – A luz? Ele fez o mesmo gesto, nesse momento nós compreendemos que ele não falava, eu e Sueli olhamos para cima, vimos no céu uma única estrela, então perguntei. – A estrela? Ele fez com a mão

um gesto que dizia além, além da estrela, então perguntei? Você veio de lá além da estrela? Ele respondeu que sim e apontando para mim disse com gestos, pois não falava, que eu também vinha de lá. Sueli mandou eu perguntar se ela tinha vindo também da estrela, ele respondeu que não. E colocando a mão no bolso tirou um cartão de CPF muito antigo de cor amarela onde estava escrito Serafim Rodrigues Namah, perguntei se aquele era o seu nome e ele sorrindo, nada respondeu. Eu usava uma blusa de cor rosa, e tinha nas mãos uma pasta de papelão azul, ele apontou para minha blusa e perguntei, cor rosa? – Ele fez que sim, balançando a cabeça afirmativamente, depois apontou para a pasta azul, tornei a perguntar, cor azul? Ele afirmou novamente que sim, depois pegou o CPF amarelo e me mostrou, então falei. – Rosa, azul e amarelo são as cores da chama trina dos mestres Ascencionados, ele sorrindo com seus dentes muito brancos fez com os dedos que sim. A conversa continuou num misto de telepatia e mímica, Sueli a tudo observava calada e espantada. O ser estranho tirou do bolso duas moedas e me entregou junto com uma ficha de telefone, eu falei de gozação. – Para que serve esta ficha se você não fala? Sueli me alertou, ele quer dizer que vai se comunicar com você sua burrinha, aí foi que me toquei. Ele, olhando para o outro lado da rua onde havia uma floricultura em cuja vitrine tinha uma cascata de água e no rodapé um lago com peixinhos, falou que lá, além das estrelas era tudo assim muito bonito, e confirmou que nós dois éramos daquele lugar. Ele mostrou os prédios, dizendo que de onde nós vínhamos, os prédios, o dinheiro as roupas, e os carros, nada disso tinha valor. Eu trazia no pulso uma fita roxa do Senhor do Bonfim, ele

apontou para a fita e me olhou esperando que eu falasse alguma coisa, então eu disse:

– Uma fita? Ele franziu o cenho meio zangado, tornou a apontar para a fita roxa até que falei: – Chama Violeta do Mestre Ascencionado Saint Germain, ele começou a sorrir e a rodar como os Sufins e assim foi se afastando, atônita, olhei para Sueli que estava nervosa e quando nós duas voltamos a olhar ele havia desaparecido. Fiz um saquinho com um tecido de cor rosa onde guardei as duas moedas e a ficha telefônica, isso aconteceu há quase vinte anos. Sueli, minha querida amiga, foi testemunha desse estranho acontecimento. Seria este homem um ser de outra galáxia? Jesus disse: – A casa de meu Pai tem muitas moradas!

A PRAIA

Nas minhas andanças por vários centros espíritas para saber quais eram os meus orixás, conheci muitas roças de varias nações, zeladores de santo e alguns são meus amigos até hoje. Pena que um dos meus queridos tenha falecido, o Jobi. Éramos muito unidos mesmo depois que me filiei a uma Igreja de denominação Cristã.

Minha vida foi sempre de muitas lutas, dificuldade financeira e principalmente emocional. Num tempo em que deveria confirmar com estes pais de santo quem eram meu pai e minha mãe de cabeça, fui ao bairro de Nova Iguaçu, na casa do pai de santo Orlando que me foi recomendado pelo próprio Jobi, sua nação era Nagô, ele confirmou que eu era filha de Xangô, mas os orixás

femininos Iansã e Iemanjá guerreavam pela liderança, segundo o jogo de búzios, ficou esclarecido que eu sou filha de Iemanjá, mas tinha uma Iansã de herança de um ancestral, acredito seja da minha avó que era cigana de Andaluzia e também cantora da tribo. Meu pai sempre dizia que me parecia com ela e quando cantava, que minha voz era igual a dela. Passaram-se alguns anos, certo dia, sentindo vontade de comer manjar de côco, fui a uma padaria satisfazer meu desejo, mas de nada adiantou, fiz isso várias vezes, mas a vontade não passava. Lembrei-me que esta iguaria era muito apreciada por Iemanjá, resolvi fazer uma oferenda. Jobi me ensinou e fiz tudo com muito amor. Pedi a minha amiga Yolanda para ir comigo, ao chegarmos à praia de Copacabana, ventava muito, porque já era noite, hora ideal para fazer o ritual e colocamos o manjar num bonito prato de papelão prateado, enfeitando com uvas brancas e começamos a fazer um buraco na areia, pois só assim conseguiríamos acender as velas, de repente veio uma onda até nós e cobriu o manjar, aí apareceu uma mulher muito alta cujo contorno de seu corpo e de seus cabelos eram feitos de pontos de luz, ela segurava o manjar com as mãos e entrando mar adentro sumiu, foi uma visão tão linda que chorei emocionada. Obrigada querida mãe Iemanjá por ter aceitado meu humilde presente.

HOSPITAL DO ESPAÇO

Quando aconteceu este fato, eu e meus dois filhos morávamos na Rua Aníbal Benévolo, no bairro Cidade Nova, numa vila. Todas as pessoas eram amigas e muito

prestativas umas com as outras, e quando às vezes passava mal do coração, alguém sempre me levava de carro para o hospital, quase sempre era o Jorge filho da D. Piedade, uma grande amiga. No Carnaval ficávamos reunidos no portão vendo as pessoas passarem fantasiadas, principalmente os globais, era tudo uma festa. Como não tínhamos telefone, minha amiga permitia que usássemos o dela e quando alguém me telefonava, ela chamava com a maior boa vontade. Nessa época, eu gostava muito de ficar vendo televisão deitada no sofá que ficava na porta de entrada da casa. Quando jovem era simpática e bonita, fazia amizades onde chegava, e por ter um corpo escultural era admirada pelos rapazes, era querida, mas esses predicados me faziam ser muito invejada por onde passasse, na escola, no trabalho e na rua onde morava, mas não percebia essas coisas, todos invejavam minha voz quando cantava, e a minha maneira de dançar nas festas que era bem cigana, com saias longas e muitos enfeites. Como era vidente e ouvinte, os meus mentores tinham várias maneiras de se apresentarem a mim, muitas vezes recebia avisos através de sonhos proféticos.

Um dia tive um sonho estranho, estava num hospital todo iluminado, vestida de branco, estava sentada num banco alto em frente a uma parede com um ponto saliente bem pronunciado de onde saía um raio laser azul direcionado ao meu pescoço embaixo do meu maxilar, eu não sentia dor, após alguns segundos eu comecei a vomitar dentro de um quadrado forrado de um material azul e com um funil no meio que recebia o vômito, quando terminei continuei sentada até que apareceu um homem vestido de branco, era um enfermeiro, ele tinha nas mãos

um vidro grande redondo transparente dividido no meio, de um lado havia muitas larvas pequenas e do outro umas larvas gordas com os olhos grandes esbugalhados, e o enfermeiro mostrando para mim o vidro disse:

– Olha o que nós tiramos de você. Acredito que foi tirada da minha aura, energias negativas adquiridas através de tanta inveja acumulada durante anos. Acordei com D. Piedade me chamando da varanda da casa dela para atender ao telefone, eu estava meio tonta e fui cambaleando, atravessei a vila e o telefonema era da minha filha Jô, peguei o aparelho e quando comecei a falar eu não conseguia articular palavras, minha filha estranhou, perguntando, mãe, porque a senhora está falando assim? Arrancou um dente? Eu respondi não sei, mas não estou podendo falar, mais tarde eu telefono. Voltei para minha casa e novamente deitei no sofá sentindo todo o lado direito da boca e do pescoço até o ombro anestesiado, então comecei a relembrar aquele sonho que tendo sido tão real me fez crer que não fora apenas um sonho, eu realmente fiz uma operação cirúrgica naquele hospital no espaço, não fiquei surpresa quando a voz me mandou dormir e não fazer esforço. Acordei bem mais tarde e não tinha mais a boca anestesiada, e podia falar normalmente. Será que foi apenas um sonho? Acredito que estive naquele Hospital.

LIMPEZA CÓSMICA

Fui convidada por um amigo, zelador de Santo, para ir a festa do Orixá Omulu. Naquele ano não seria realizada no seu barracão e sim no do seu Pai de Santo

que ficava no Bairro de Juscelino, fiquei animada, apesar de ser um lugar muito distante. Sempre ouvi dizer que lá as festas eram lindas e fartas. Na roça do meu amigo Jobi também bem frequentada, as ruas ficavam lotadas de carros e ninguém mexia num carro sequer porque todos o respeitavam muito. Tive que pegar três ônibus e andar um bocado, mas valeu a minha andança, o barracão estava enfeitado, os convidados bem vestidos, tudo muito chique. Meu amigo ficou contente em me ver. Arranjou um lugar privilegiado para eu assistir as danças dos Orixás com suas roupas lindíssimas. Na hora certa foi servido um coquetel típico da nação. Na mesa tinha um grande bolo muito bonito, enfeitado com uns bonequinhos de plástico pretinho com roupinhas de palha, uma graça, os mais chegados ganharam como lembrancinhas, e eu também, é claro.

A festa, como de costume, rompeu o dia com muita animação, aos poucos foram chegando os componentes do grupo de pagode que tocariam após a festa, mais ou menos às treze horas seria servido um almoço que naquele dia seria salpicão e estrogonofe, de sobremesa tortas e brigadeiro, tudo muito gostoso, e quando senti sono meu amigo arranhou um lugar para eu dormir um pouco. O pagode estava no auge, todos cantavam e dançavam alegremente, às quatro horas saí e enfrentei a maratona da volta, estava feliz, mas muito cansada e sentindo o corpo pesado. Chegando em casa, eu morava na Rua Frei Caneca, no Centro, numa vila velha e feia, mas era o lugar onde eu podia pagar aquele aluguel, lá morava com o meu filho mais velho, e sem tirar a roupa me joguei no

sofá e peguei no sono, deixando para tomar um banho de descarrego quando acordasse mais tarde. Estava assim dormindo quando acordei recebendo um choque, como se botara o dedo numa tomada, logo recebi um segundo choque mais forte, já bem acordada, embora estivesse com os olhos fechados, e em seguida recebi um terceiro choque mais forte ainda que os outros, meu corpo todo estremeceu e abrindo os olhos vi na escuridão da sala um ponto de luz bem perto de mim e ouvi uma voz que dizia: – NÓS DESCARREGAMOS VOCÊ a luz foi diminuindo aos poucos até que se apagou totalmente. Eu, acostumada com essas situações, virei para o lado e voltei a dormir normalmente, me sentindo descansada e bem leve. Obrigado meus amigos do Cosmo por terem limpado minha Aura.

MÉDICO DO ALÉM

Desde pequena sempre que via alguém passando mal, tinha a mania de ir ver a pessoa, achando que a minha presença ajudava a pessoa a melhorar, e sem ninguém perceber, colocava a minha mão onde estava doente e me sentia bem fazendo este gesto. Anos mais tarde era difícil eu errar quando dava um diagnóstico, eu queria fazer medicina, mas com quatro filhos para criar e tendo que trabalhar não tive oportunidade, quando jovem era uma carreira muito cara e minha mãe não tinha condições financeiras para tal.

Quando era cartomante e quiromante, e participava de um evento esotérico num shopping na Tijuca, já

tendo atendido cinco pessoas estava um pouco cansada, pois nesse tipo de atendimento existe um desgaste de energia muito grande, mas nada que um bom banho de ervas não resolva. Sentou-se a minha mesa, uma senhora muito simpática que começou a me chamar de Testano, falei que o meu nome era Padan, ela respondeu eu sei Testano, tornei a dizer. – Meu nome é Padan Fernandez. Sei que é diferente, mas de nada adiantou, ela continuou me chamando de Testano, resolvi dar continuidade ao atendimento ela não tinha grandes problemas, estava ali mais por curiosidade. Elogiou minhas previsões e tudo bem. Anos depois não sei ao certo quanto tive o seguinte sonho. Estava num hospital muito grande com um corredor comprido quando cruzei com um médico, alto, corpulento, com a pele vermelha, grandes olhos azuis e cabelos brancos, aparentando ter uns setenta e poucos anos, e ele me cumprimentou. – Olá, Padan, tudo bem? – Tudo bem, você me conhece? – Claro, estou sempre com você, neste momento li seu nome bordado no bolso do seu jaleco Dr. Testano, e logo lembrei daquela cliente.

Obrigado por estar sempre me ajudando a ajudar meus irmãos Dr. Testano.

O PRESENTE

Apesar de ser religiosa, sempre gostei desde mocinha de ir a centros espíritas para me consultar com as entidades, como fazem várias pessoas. Gostava muito de jogo de Búzios, e quando os zeladores de santo diziam que eu tinha uma coroa muito bonita e poderosa, mas

isso não me convencia, porque sempre tive que lutar para sobreviver, passando por várias privações, mas ia superando tudo que acontecia de complicado em minha vida. Os sonhos por vários anos serviram de veículo entre mim e as entidades para me avisar de alguma situação. Em várias casas diziam que eu tinha a proteção do Orixá OXUM. Certa noite, estava um pouco deprimida e com dificuldade em pegar no sono e tive o seguinte sonho: Passeava por uma floresta, entrei numa gruta grande onde corria um rio não muito caudaloso, cristalino e calmo. A beira deste rio estava sentada de costas uma moça de pele branca, usando um vestido azul que brilhava muito, suas pernas estavam dentro das águas, seu cabelo era louro e comprido até a cintura. Chegando por trás dela e pegando seus cabelos, falei. – Moça, seu cabelo é tão bonito feito de cornetinhas de ouro, ela balançou a cabeça dizendo que sim. Nos seus braços haviam várias pulseiras largas de ouro e nas mãos longas lindos anéis com pedras preciosas, continuei falando. – A senhora tem tantas joias bonitas, eu sou cigana e gosto muito de ouro, mas não tenho nenhuma joia de ouro.

A linda jovem, virando o rosto, deixando ver seu perfil, falou, retirando um anel de um dos dedos da mão esquerda, fica com este anel de ouro para você, é um presente que estou lhe dando. Neste momento eu acordei, segurando meu dedo anular como que colocando o anel.

Obrigada querida OXUM pelo presente.

OS ESCRAVOS

Como já narrei no conto “Elas Existem” toda segunda-feira acendia velas para as almas dos escravos, porque tinha pena de todo sofrimento pelo qual passaram quando encarnados aqui na terra. Certa época da minha vida quando morava perto do Sambódromo a casa foi vendida e junto com meus filhos Luiz e Nelson, tivemos que mudar, ai começou a andança para encontrar outro local no centro da cidade que tivesse um espaço para os rapazes fazerem a oficina para pintar as camisetas, pois nessa época eles já tinham se tornado artesão, tendo licença para expor na feira da Praça do Lido em Copacabana, e na feira de Ipanema na general Osório. Estava difícil encontrar uma casa que preenchesse as necessidades e com um aluguel que pudéssemos pagar. Recorri as Santas Almas pedindo para me ajudarem a encontrar o que precisávamos, uma semana depois encontrei numa velha vila na rua frei Caneca 67 uma casa com três quartos, o banheiro era do lado de fora porque era tudo muito antigo, mas tinha um quintal que dava para fazer a oficina. Eu e a proprietária logo nos entendemos, eu não tinha como comprovar renda mais as licenças das feiras serviram e alugamos a casa, havia problemas com os outros vizinhos por causa da hora de ligar a bomba d’água mas nada que o meu jogo de cintura não resolvesse. A noite na rua ficavam umas moças simpáticas, segurando as paredes das casas para não caírem, era o trabalho delas, mais não incomodavam ninguém, na porta da vila ficavam três delas que me cumprimentavam com muito respeito, de madrugada, quando eu chegava de cantar na noite.

Um sábado quando eu estava só em casa de madrugada acordei ouvindo, vozes de homens conversando, mas não entendia o que eles diziam e também ranger de correntes, no início me assustei e olhando pela fresta da janela vi que havia gente sentada num banco de cimento que ficava em frente a minha porta, voltei para a cama, mas estava difícil dormir por causa do barulho. No dia seguinte perguntei a dona Maria, uma portuguesa que morava lá à vinte anos o que acontecia e ela me disse o seguinte: – Não se impressione com isso, porque vai acontecer muitas vezes, são as almas dos escravos, pois todo o Campo de Santana, no passado era cemitério dos escravos e mais tarde cemitério dos ingleses, o primeiro prédio a ser construído ali foi o do Corpo dos bombeiros que esta até hoje.

Gostei da história que me contou a vizinha. Um dia bem tarde quando chegava de um show, ao abrir a porta e entrar no longo corredor, vi a minha frente um homem negro alto sem camisa deixando a mostra os ombros largos e fortes, ele vestia uma calça de algodão cru arregaçada até os joelhos na cabeça um chapéu de palha e nas costas carregava uma enxada. Percebi que era o espírito de algum escravo e sem temê-lo desejei-lhe muita paz.

Dona Maria falou que varias vezes à noite quando ia ao banheiro que também era do lado de fora da casa, via uma mulher negra gorda pendurando roupa na sua corda.

Obrigado amigos, por gostarem da nossa velha vila.

O ANJO CAÍDO

Quando num domingo estava na igreja, a aula dominical foi sobre o anjo caído Lúcifer. Ele era um anjo bonito, inteligente e amado pelo nosso Pai Celestial, ele era popular por ser simpático aos outros anjos, mas com o decorrer do tempo esse anjo começou a ficar invejoso, e querendo se igualar ao nosso Deus, que na sua misericórdia infinita conversou com ele, explicando que quando chegasse o tempo certo ele iria ganhar um corpo como acontecia com todos os anjos e seguiria o caminho da evolução espiritual. Mas Lúcifer não aceitando os argumentos do Pai incentivou a número elevado de anjos a ficarem do seu lado contra Deus que procurou ajudá-lo o mais possível com sábios conselhos, mas vendo que de nada adiantavam, se viu obrigado a bani-lo e a seus seguidores do jardim Celestial, enviando seus espíritos para a Terra não tendo eles a dádiva de receber um corpo, o Pai Celestial ficou muito triste por ter que tomar essa decisão, mas não podia permitir que ele com sua inteligência contaminassem os outros anjos desencaminhando eles. Fiquei triste com essa história, e acredito que Lúcifer deve ter se arrependido dos erros cometidos mais já era tarde para voltar, quando no ônibus voltando para casa recordando esta triste história, fiquei tão emocionada que comecei a chorar com pena dele, mas compreendi a atitude correta de Deus Pai, a lei tinha que se cumprir. Os anos se passaram, um dia eu estava indo para casa e passando pela rua do Resende com meu filho Nelson reparei num homem que vinha em sentido contrário, com uma aparência muito estranha ele me

olhava com um olhar fixo e misterioso, nesse momento apareceu o Fernando amigo de infância dos meus filhos que convidou-nos para almoçar em sua casa pois sua mãe fizera aquele strogonof, eu não quis aceitar o convite mais meu filho foi, enquanto eu seguia meu caminho para casa. Quando cheguei na encruzilhada da Mem de Sá com Ubaldino do Amaral que era a rua em que morávamos vi aquele homem estranho quando passei ao seu lado, ele com uma voz forte e rouca falou: – Eu quero falar com você, sou o Diabo, fiquei nervosa e atravessei a rua correndo, depois olhando para traz ele já havia sumido. Arrependi-me de não ter parado e saber o que ele queria falar comigo, acho que era o Lúcifer, que se materializou, por um momento.

Desculpe anjo caído, mas tive medo de você!

A PRETA VELHA

Quando eu e um grupo de cartomantes que faziam parte da Caravana Cigana, estávamos num evento no Arpoador na praia de Copacabana, a Vanda vendo meu semblante sempre alegre agora entristecido, perguntou o que estava acontecendo. – Respondi que estava preocupada com o aluguel que dois meses atrasados, devido ao movimento fraco dos eventos. Vanda falou que onde ela morava numa vila em São Cristóvão, composto de três prédios de quatro andares havia vários apartamentos vazios, porque o advogado que tomava conta à medida que os imóveis ficavam vazios se negava a alugar, não sabendo quais eram os motivos, ela disse

que uma amiga que morava num dos apartamentos por causa dos desentendimentos que tivera com o encarregado, não entregou a chave que deixou com ela para dar a quem estivesse precisando de moradia, Vanda falou que eu poderia morar lá porque não teria problemas. Aceitei e fui morar sozinha, o apartamento era muito bom, eu não precisava temporariamente pagar aluguel, como ela também não pagava. Consultei um advogado que me explicou o seguinte. – Se durante um ano e um dia ninguém reclamasse o imóvel, eu teria o direito tácito, que é invasão pacífica consentida e só o juiz poderia me retirar do imóvel, fiquei mais tranquila, era só esperar. Fiquei morando lá por quatro anos. Um dia tive o seguinte sonho: – no corredor da vila embaixo da janela do meu quarto, estava uma mulher negra, alta e muito gorda, com uma saia bem comprida e um torço na cabeça, como se vestiam as escravas da sua época, ela estava em pé e urinava no chão, eu espantada, perguntei, – O que a senhora está fazendo aí? Ela respondeu, – Estou desmanchando um trabalho que por inveja e maldade fizeram para você. Eu acordei e lembrando o sonho tomei conhecimento do que acontecia. Fiz uma limpeza e um bate folha na casa e tomei um banho com ervas recomendadas para o caso. Depois de quatro anos apareceram os herdeiros do proprietário, que moravam em Portugal, e me mudei, não sabendo o que aconteceu depois. Tempos depois fui com meu amigo Zelador de Santo o Dothé a um centro em Niterói, e falamos com uma entidade chamada vovó Maria Redonda, fiquei admirada quando ela disse que fazia parte da minha coroa, e havia me socorrido desmanchando um

trabalho que tinham feito para mim, quando eu morava naquela casa onde eu não pagava jímbo, e quando eu estivesse em apuros era só chamar por ela que estaria sempre por perto. Vovó Maria Redonda, obrigada por ter vindo em meu socorro.

RECADO DO ALÉM

Às vezes temos certas atitudes sem saber o porquê. Naquele dia entrei no ônibus, sentei no último banco, não gostava de sentar naquele lugar, sempre tive medo de que numa batida fosse atingida, mas lá fiquei, fechei os olhos, e como sempre, tirei um cochilo. Em certo momento o ônibus parou e subiu uma jovem de aparência humilde com uma menina nos braços que devia ter uns dois ou três anos, a criança era bem magrinha, elas pararam na roleta que naquela época era na porta de trás, senti uma sensação estranha, em dado momento a voz amiga que sempre falava comigo deu-me um recado, mas, retruquei dizendo que não ia obedecer porque era muito grave o que ela dizia e eu tinha medo de estar errada, talvez não estivesse ouvindo nada e poderia ser apenas impressão. Continuei de olhos fechados, mas a voz insistia, o ônibus parou num ponto que para mim era onde eu teria que saltar, levantei correndo e pedi ao trocador para andar rápido, quando reparei, estava parada em frente ao banco onde estava sentada a mãe e a filha, então a voz me disse: e agora você vai falar ou não? Um pouco sem jeito perguntei a jovem, sua menina está tão triste, o que ela tem? A mãe respondeu com lágrimas nos olhos, ela está

com uma dor muito forte no ouvido, fui ao hospital do Andaraí, chegamos às seis horas da manhã e já era uma hora da tarde eu estava com fome e sem dinheiro mas uma senhora pagou um lanche para nós mas ela não consegue comer por causa da dor, agora vou ao hospital Souza Aguiar porque ela chora muito quando passa o efeito da injeção que deram na emergência. Calmamente falei, volta ao Hospital do Andaraí, no mesmo lugar e pede para tirar uma chapa da cabeça desta criança, porque o que ela tem é um tumor nascendo e com uma radiografia o médico vai descobrir e fará o tratamento que vai salvar a vida da sua filha. Às vezes recebo alguns recados de uma voz amiga que fala comigo para ajudar a quem precisa. Daquele dia em diante, sempre que recebia um recado me apressava em transmitir.

Quem não entende atende.

PRIMEIRA VISÃO

Sempre que ia a algum centro de Umbanda ou jogo de Búzios, os Pais de Santo diziam que uns dos orixás femininos que regiam meus caminhos era Iemanjá, e sua escrava era D. Maria Molambo, eu não conhecia esta entidade, só conhecia Iemanjá que é a rainha das águas salgadas, eu amo a beleza do mar, mas tenho muito medo dele por não saber nadar. Numa sexta-feira quente de um dia de verão aconteceu o seguinte, durante algum tempo eu ia buscar os meus netos na escola para ajudar minha filha que após sair do hospital, pois é instrumentadora cirúrgica, fazia um curso de enfermagem e voltava muito

tarde. Para mim era um prazer ficar com as crianças, eu gostava de brincar de boneca com minha neta e contar histórias para ela e o meu neto, hoje adolescentes educados e bem comportados. Numa certa sexta-feira, minha filha queria que eu ficasse para dormir, porque já era quase meia noite, mas eu não quis, e resolvi ir para minha casa. Eu sempre gostei de usar roupas aciganadas com saias bem floridas e rodadas, e ao passar perto de um tapume que ficava cobrindo um terreno baldio, num lugar bem escuro, escutei uma gargalhada bem alta, olhando, vi uma mulher bem morena com a pele brilhando muito, ela era muito bonita com longos cabelos negros e usava um vestido feito de uma fazenda de chita e nos pés uma sandália de couro rasteira. Sorrindo para mim, falou segurando a saia do vestido, minha saia tem roda também, automaticamente segurei a minha saia e sacudindo respondi: – É, mas a minha tem muito mais roda do que a da senhora, ela soltou uma gargalhada, dizendo. – Você é muito bonita mulher, pode deixar que vou ajudar você a sair da situação que vem por aí, e dando uns passos desapareceu como por encanto. Já acostumada com essas aparições continuei meu caminho sem saber o que aquela entidade queria dizer. Nessa época, eu namorava um português que conhecia a vinte e cinco anos e que morava no bairro Água Santa, ele era uma ótima pessoa, muito alegre, extrovertido, nosso relacionamento era muito bom, eu passava os fins de semana na casa dele, onde ouvia os fados que gostava, comia as comidas portuguesas que ele fazia sempre acompanhada de um bom vinho. Depois desse fato ter acontecido, comecei a me desinteressar por ele, e

acabei terminando o namoro, mas realmente achei tudo meio estranho. Passado alguns meses, eu soube através de uma mãe de santo amiga nossa que ele se metera em uma grande confusão e foi jurado de morte pelos moradores do local onde morava, tendo que fugir para outro local, se eu estivesse ainda com ele talvez fosse envolvida na confusão. Obrigada D. Maria Molambo por ter me ajudado como prometeu.

PREMONIÇÃO

Houve um período da minha vida, em que passava por vários problemas sem entender o porquê, procurava casas espíritas, na esperança de encontrar a solução, me recomendaram que fosse a uma irmandade espiritualista. No dia que fui cheguei cedo, pois era muito concorrida as seções, eram três horas e só começaria as seis, recostei a cabeça na parede e tirei um cochilo sentada. Em dado momento fui acordada por um senhor alto moreno tipo indiano com um rosto comprido bem magro, que vestia camisa de xadrez e calça escura tocando o meu ombro, quando abrir os olhos ele me perguntou você já faz parte daqui, respondi que era a primeira vez, ele falou calmamente com uma voz suave, filha, estou vendo todos os seus mentores a sua volta eles querem que você trabalhe esta mediunidade forte para ajudar as pessoas se quiser pode ser aqui ou em outro lugar onde você se sinta bem, eu sou o fundador daqui. Respondi que queria ficar ali ele disse compre a sua roupa branca e filia-se a nós, se você não fizer isto vai começar a aparecer várias doenças

a começar com o labirinto, mas este já havia começado e estava tomando vertix a mando do médico. Na seção tirei a consulta e me foi recomendado os tratamentos: chama violeta. Roda de fogo com os quatro elementares, entre outros. Contatei com um senhor que usava um lenço verde no pescoço, contei o que acontecera e ele imediatamente me levou a secretaria para fazer minha ficha de inscrição.

Trabalhei nessa casa por dois anos como chela o meu nome místico era Lesa de Lhasa, que é a capital do Tibete, onde tive uma vida passada. Tem um livro cujo nome não me lembro qual, faz referencia a Lesa que lá viveu. Neste tempo que lá estive a casa já estava sob a direção de outro patrono. Tempos depois foi fundada uma nova instituição, em Botafogo. Nessa época minha amiga Valéria estava com problemas sérios espirituais e levei-a até esta casa para tirar uma consulta com o Mestre. Ao chegar lá ele era totalmente diferente daquele Mestre que me acordara naquele dia. Era baixo, gordo e calvo, fiquei espantada e contei a ele o que havia acontecido na instituição anterior. Ele respondeu o meu tipo sempre foi esse, mais o homem que apareceu para você foi realmente o fundador desta casa mas não eu e sim o Mestre Shiderath, que é o mentor espiritual desta casa como daqui também, que como você sabe era um mestre tibetano e você viveu lá uma vida passada, seu nome místico Lesa de Lhasa tem tudo a ver com esta vida, eu acho tudo isto muito bonito. Minha amiga resolveu os problemas de magia que a perturbavam e ficou trabalhando um período como chela desta casa, hoje ela tem seu próprio espaço esotérico onde presta caridade e ajuda muitas pessoas é uma boa amiga.

Obrigado Mestre Shiderath, por ter me socorrido naquele dia em sua Ordem.

O PEDIDO

Eu cantava na casa noturna de nome “La Vien Rose”, no Beco das Garrafas, em Copacabana, quando conheci uma jovem que lá trabalhava, de nome Janete para ajudar sua mãe a criar quatro irmãos. Elas moravam no interior de Sergipe quando seu pai morreu, elas perderam a casa onde moravam por que ainda não estava paga, o que receberam do proprietário não dava para comprar outra. Janete tentou arranjar um emprego mais não conseguiu, ela não queria trabalhar na roça porque o ordenado não daria para sustentar seis pessoas, então resolveram com o dinheiro que haviam recebido pela casa, vir para o Rio de Janeiro, na ilusão de que na cidade grande seria mais fácil a vida. Aqui chegando foram morar no morro da Providência, uma comunidade no centro da cidade, depois de procurar durante muito tempo emprego e não conseguir devido à falta de instrução. Vendo o dinheiro acabar, foi trabalhar nesta casa noturna onde conheceu o Carlos, um marinheiro, bom rapaz, e logo se apaixonaram. Por não ter condições financeiras para assumir a Janete permitiu que ela tivesse aquele tipo de trabalho para sustentar a mãe e os irmãos menores, cantei nesta casa durante muito tempo, e fiz amizade com Janete e outras meninas do salão, a maioria tinha uma história triste para contar. Carlos sempre tinha uma dor de cabeça muito forte que atribuía a caipirinha que gostava de tomar sempre

que almoçava e jantava, ele pensava que era problema no fígado, devido também as cervejas dos fins de semana com os amigos e em casa. Janete pedia para ele ir ao médico pois tinha direito ao hospital Marcílio Dias, mas ele muito teimoso não ia, um dia a dor foi tão forte, que ele pediu a companheira para levá-lo ao hospital. Depois de uma tomografia computadorizada foi constatado a existência de um grave tumor em estado adiantado, que exigia uma cirurgia de emergência, no dia seguinte começaram a serem feitos os exames, mas nesse dia a noite o tumor estourou, causando a morte de Carlos. Janete me procurou porque eu era sua amiga de confiança, ela estava sofrendo muito como era de se esperar, pediu para eu acompanhá-la ao enterro e logo me prontifiquei indo com ela, chegando a capela do hospital onde o corpo era velado, em dado momento vi o espírito do Carlos que me disse. – Padan, diz a Janete para tirar esse vestido preto que ela sabe que eu não gosto e usar aquele vestido branco que eu gostava porque ela fica muito bonita, me aprezei em falar com ela o que acontecera ali, ela respondeu que era verdade ele não gostava que ela vestisse preto e que tinha um vestido branco que ele gostava que ela vestisse, fiquei contente apesar da situação de ter ajudado com meu dom de ver a esse espírito que partia para o mundo espiritual em paz. Continuamos amigas até que o destino separou nossos caminhos, sempre que me lembro dela é com respeito e carinho. Atendendo ao pedido do espírito do meu amigo espero ter ajudado no seu caminhar.

ENTIDADE AMIGA

Às vezes acontecem certas situações em nossas vidas que nos obrigam a tomar atitudes totalmente alheias a nossa vontade. Descobri que estava grávida, era para me sentir feliz, mas devido a minha situação fiquei muito triste, não podia deixar essa gravidez seguir adiante, pois quase certo perderia meus quatro filhos na justiça. Como meu companheiro não tinha dinheiro para pagar uma intervenção cirúrgica, eu mesma coloquei uma sonda, como me ensinou uma amiga. À noite fui cantar na casa noturna. Não sei como consegui cantar a noite toda, sentia muito frio, queimando em febre. Resolvi ir ao hospital Souza Aguiar, contei ao médico a loucura que fiz e levei uma tremenda bronca do médico que disse. – Você está com uma infecção muito grande, vou mandar a ambulância levá-la para a Maternidade Fernando Magalhães, especializada em gravidez de alto risco. No dia seguinte fui examinada pelo médico de plantão que me deu outra bronca e disse que o feto ainda vivia e que após ficar curada da infecção que eu não fizesse outra besteira porque morreria. Fiquei internada por um bom tempo, no segundo dia de madrugada, quando todas as pacientes dormiam, entrou uma enfermeira bem idosa com um uniforme comprido, um torço na cabeça e uma bengala na mão, ela parou ao lado de minha cama e impondo as mãos sobre minha barriga, fez um movimento como se estivesse fazendo massagem, depois me olhando com seu olhar piedoso balançou a cabeça e sem palavras disse. – Está tudo bem. Virou as costas, andou em direção a grande porta de vidro da enfermaria, e virando a cabeça olhando

em minha direção, no lugar do seu rosto havia uma caveira de boi, virando-se para frente desapareceu, fiquei atônita e só aí entendi que ela não era um ser humano e sim um espírito.

Um mês depois quando a gravidez completaria quatro meses, uma amiga que frequentava um centro me levou para uma consulta e a entidade falou que aquela enfermeira era o Senhor Boiadeiro que se materializou e foi me socorrer desfazendo aquela gravidez, que tantos problemas me traria. Ele pertencia a minha egrégora espiritual. Fui ao posto de saúde fazer o pré natal e o obstetra constatou que não estava grávida, contei o que acontecera, ele era espírita e conversou comigo explicando o que tinha acontecido. Não sei o que pensar, sei apenas que no mês seguinte a menstruação passou a vir normalmente todos os meses. Este fato realmente aconteceu vocês podem acreditar.

DEUSA AMIGA

Em uma das minhas andanças atrás de emprego fui trabalhar no escritório de uma academia de dança variada, tipo, dança cigana, do ventre e de salão. Era um ambiente muito agradável, a maioria das alunas era jovem, até que a professora resolveu formar turmas da terceira idade que foi um verdadeiro sucesso, vieram senhoras de todas as idades. Entusiasmadas em aprender principalmente a dança do ventre muito em moda naquela época. Eu apesar de ser secretária, na minha hora do almoço, passava a enceradeira para o sinteco ficar brilhando e bem escorregadio e limpava

os espelhos, porque a sala principal era toda espelhada com quadros lindos de ciganas e odaliscas dançando. As quartas-feiras minha chefe e amiga Regina me pedia para comprar rosas amarelas e fazia um lindo arranjo que era oferecido num ritual a Deusa Ísis, pois era mentora do espaço eu sempre comprava três rosas com meu dinheiro que humildemente oferecia a Ísis com muito carinho, pois sempre fui fascinada pela cultura do Egito e pela história de Ísis e Osíris. Eu pretendo quando me for permitido conhecer este país tão cheio de encanto e magia. Quando eu tinha quinze anos e estudava no instituto Cyleno, na Rua São Januário, em São Cristóvão, todos os sábados a tarde tinha função no grêmio, onde os alunos mostravam seus talentos, ali eu comecei a minha carreira de cantora quando tirei o primeiro lugar num concurso cantando a música gravação de Nora Nei, “Ninguém me Ama”, a coroa era folhas de uma árvore próxima, brincadeira dos meus colegas. Naquele ano na festa de fim de ano, eu fantasiada de Odalisca dancei a música “Num Mercado Persa”, fui muito elogiada, realmente eu sentia quando dançava uma energia estranha que se apoderava do meu corpo e minha dança era muito sensual. Um dia quando estava sozinha no estúdio, arrumando a sala para a dança do ventre, o telefone tocou e ao atender ouvi uma voz de mulher, que falou. – Ela mandou dizer que você foi uma sacerdotisa e dançarina da dança do ventre no Egito antigo com ela e eram grandes amigas. Então eu entendi que já tivera uma vida passada no Egito, explicando-se assim a minha atração por esse país.

Obrigada amiga Deusa Ísis por esse esclarecimento.

APARIÇÃO NO HOSPITAL

Cantava a noite em algumas casas noturnas, churrascarias, e festas particulares, e trabalhava durante o dia em casa, retocando fotografias preto e branco para vários fotógrafos, às vezes dormia sentada na mesa onde retocava para dar conta dos álbuns de casamento, esse trabalho era feito com nanquim spotone gilete e pincel de pelo de marta, a mão tinha que ser muito leve e uma paciência de chinês, tirava as rugas, as manchas e remoçava o rosto das pessoas. Retocava para os melhores profissionais do ramo, como Vitor Kolvask e Rosenberg, pois meu trabalho era muito bom, era muito sedentário, mas gostava do que fazia. Num dia de faxina da casa resolvi ajudar a minha funcionária Eunice que morava com sua filha de quatro anos de nome Vânia uma graça de menina que me chamava de tia e se dava muito bem com os meus quatro filhos e onde comiam cinco comiam sete, ela era uma amiga que me dava ânimo nas horas de dificuldade que eu passava. Para descansar a vista resolvi lavar o banheiro. Mas por estar muito cansada não tomei o devido cuidado e escorreguei no chão molhado, batendo com a cabeça no borda do vaso sanitário, e logo abriu um corte profundo que sangrava muito. Tive que ir a emergência do hospital Souza Aguiar onde levei oito pontos, fui encaminhada para tirar um raio X ao ver a chapa o médico que me atendeu disse para a enfermeira que o neurocirurgião tinha que ver a chapa, fui colocada numa maca com colchonete, lençol e travesseiro, fiquei espantada com tanta mordomia. A enfermeira me entregou a chapa dizendo que teria que ser vista pelo neurocirurgião que estava operando, mas que não ia demorar. Fiquei algum

tempo até que apareceu um médico cujo nome não me lembro apesar de estar escrito no seu jaleco, este médico era um senhor muito simpático, tinha uma voz suave e uma fisionomia serena, ele segurou minha mão dizendo que estava tudo muito bem, fez um afago em minha cabeça, disse que eu não devia sofrer com as dificuldades da vida pois tudo era passageiro, que eu deveria ser forte, que Deus olhava por mim e despediu-se, me deixando uma sensação de paz e segurança. Fiquei deitada por um tempo, apareceu um médico jovem e olhando o raio X perguntou se já havia operado a cabeça pois tinha marcas de pontos, relatei que aos sete anos tinha sido mordida por um cão pastor alemão, o Bandeirante, que não gostava de mim mas eu gostava dele e queria brincar, um dia puxei o seu rabo ele se soltou da corrente correu atrás de mim por toda a varanda, que circundava a casa e quando eu entrei na sala e subi na mesa ele caiu em cima de mim e me mordeu na cabeça, levei muitos pontos e tomei vinte e quatro injeções na barriga contra raiva, era o ano de mil novecentos e quarenta e três. O médico olhando a chapa disse que estava tudo bem, mas se viesse a ter muitas dores de cabeça procurasse o hospital novamente. Fiquei muito contente, e antes de ir embora perguntei a enfermeira onde encontraria o Dr. Pois queria agradecer a ele por ter sido tão carinhoso e me consolado. A enfermeira muito espantada perguntou se eu era vidente pois o médico havia morrido a muito tempo depois de trabalhar vinte anos naquele hospital e que às vezes aparecia para alguns pacientes.

Obrigado doutor, por ter sido merecedora de vê-lo.

A VOZ

Quando morava em São Cristóvão, minha vida estava muito voltada para o esoterismo, jogava cartas e fazia leitura de mão, tinha muitas clientes, cultuava os orixás, e fazia parte de uma fraternidade que cultuava os Mestres Ascencionados da grande Fraternidade Branca, vivia bem financeiramente, pois fazia alguns trabalhos de magia, e cobrava um preço razoável, minhas clientes eram fieis pelo fato de acertar noventa por cento das minhas previsões. Conceituada e respeitada no meio, tinha confiança no que fazia e era honesta no meu trabalho. Continuava a ter as visões e a receber recados para dar as pessoas quando às vezes estava na rua o que eu prontamente obedecia por saber que as vozes que me falavam eram verdadeiras e não fruto da minha imaginação. Um dia de sábado quando estava indo despreocupada para o ponto do ônibus, a minha frente ia um rapaz corpulento de pele escura com uma menina de uns três anos na corcunda, aí a voz minha amiga se fez presente, dando o seguinte recado, que imediatamente transmiti ao rapaz da seguinte forma: Moço, eu tenho um recado para dar a você, onde você mora tem muito tiroteio? Ele respondeu que sim, na comunidade onde eu moro tem sempre tiroteio. Escuta e fica atento, quando for passando e começar o tiroteio procure se esconder atrás de alguma casa ou árvore, porque se não fizer isso vai ser atingido nas costas na altura do pulmão, não vai morrer, mas vai ter grandes problemas de saúde e você precisa criar este neném, se atender este meu pedido não vai ter consequência alguma. – Como a senhora sabe dessas coisas? – Respondi. – Este não é o

primeiro recado que recebo para dar a alguém na rua, faz parte do meu lado espiritual, você acredita nessas coisas? Sim, eu acredito e agradeço o recado, não importa de onde ele veio, muito obrigado e muita luz para a senhora.

Obrigada minha voz amiga, por ter mais uma vez me usado para ajudar ao meu próximo.



SEGUNDA PARTE

GOLPE DO DESTINO

Déia é uma amiga muito querida por mim e a prima Lilian. Uma mulher esguia sempre bem vestida porque faz suas roupas com bom gosto e esmero. Trabalha até hoje pintando cerâmica com mãos de fada, participa de vários concursos tirando vários prêmios, vende bem tudo que pinta. Um dia conheceu um bom homem com quem começou a se relacionar, depois de alguns meses foram morar juntos. Seu companheiro era caminhoneiro, sua base era em Minas Gerais onde moravam seus pais.

Ficaram juntos por cinco anos e eram muito felizes, um dia ele foi a Fortaleza levar um carregamento e não voltou. Déia não sabia o endereço de seus pais e tão pouco o telefone, esperou certo tempo, como ele não voltasse depois de um mês ela foi a Ceasa aqui no rio procurar um amigo que também era de Minas, para sua surpresa o rapaz informou que ele havia morrido de pneumonia. Déia ficou desolada, sofreu muito, desfez do apartamento que os dois juntos montaram com tanto carinho, pois não podia arcar com as despesas, e foi morar com a irmã. Passaram-se nove anos, Déia começou a emagrecer, embora se alimentasse muito bem, Lilian levou-a ao médico e após vários exames e nada constatando resolveu fazer o teste HIV que por

desventura deu positivo, nós sofremos muito com esta notícia. Déia orientada pelo profissional começou a tomar o coquetel. Continuamos sempre juntas e nossa amizade se reforçou mais ainda, ela é uma mulher muito forte e não se deixa abater pelos reveses da vida, hoje, conformada com sua sorte nada reclama nem murmura contra Deus, porque é uma criatura de muita fé. Déia voltou ao Ceasa e mesmo depois de tanto tempo, ainda encontrou o amigo do seu ex companheiro, contou o que aconteceu com ela e ele disse você que era namorada dele não sabia que ele morreu de AIDS? O vírus HIV encubou em seu organismo por nove anos sem dar sinal da sua presença. Minha amiga não contaminou ninguém, ela foi tão feliz com seu companheiro, que após a sua morte, não teve outro relacionamento. Hoje ela aconselha sexo seguro até entre os casados para evitar certas surpresas.

Quem vê cara não vê AIDS!

SENSATEZ

Nós não fazíamos sexo, fazíamos amor, nos amávamos muito, éramos muito felizes. Ata, era assim como eu o chamava, servia na Marinha tinha vinte e dois anos, sua aparência era de um Deus grego. Naquela época apareceram vários fundos de investimentos, Ata fez o curso, estágio e tirou várias vezes o primeiro lugar, pois levava seu trabalho a sério, gostava do que fazia, precisava andar bem apresentável, comprou dois ternos, camisa social, gravata, e vestido ficava elegantíssimo. Alto, corpo atlético, carismático, um homem que agradava a qualquer

mulher, eu morria de ciúmes, mas confiava no nosso amor. Os meses se passavam, tudo ia às mil maravilhas. Eu cantava na noite, tenho até hoje a carteira de cantora da ordem dos Músicos do Brasil. Ata sempre que podia me buscava na madrugada. Um dia chegou a notícia que seu pai sofrera um assalto no bar de sua propriedade no Jardim Penha em São Paulo. Deixei minha amiga Enira tomando conta das crianças e fomos para São Paulo, fui muito bem recebida por aquela família. Quando o pai dele ficou bom eles vieram ao Rio e ficaram uns dias por aqui. Como nosso dinheiro era curto, às vezes íamos passear a noite no calçadão, tomando água de coco e olhar as pessoas que passavam e ficávamos analisando o perfil de cada uma tentando descobrir o que faziam, ríamos muito com essa brincadeira. Todo o mês Ata me levava ao reembolsável da Marinha, que naquela época era na Candelária, para fazer as compras do mês, o que era uma grande economia. Tudo ia bem até que ele começou a inventar história para ir embora domingo pela manhã. Chegava na semana seguinte queimado do sol dizendo que eram os exercícios feitos ao ar livre, eu acreditava. Ata estava indo bem na sua nova atividade, já não dormia no quartel, alugou um quarto. Independente, começou aos poucos se afastar de mim. Comecei a prestar atenção na maneira como Ata agia comigo, mas no nosso relacionamento amoroso nada mudara. Mas o destino implacável resolveu me pregar uma peça. A esposa de um amigo dele me contou que Ata estava namorando uma jovem de vinte anos estudante de direito e filha de uma família próspera. Os sábados eram nossos e os domingos a noite eram deles e a chegada dos meus filhos às dezoito horas favorecia esse namoro. Para

mim foi uma notícia terrível o ciúme tomou conta de todo meu ser, eu não podia perder aquele homem que me fazia tão feliz. Nada falei com ele, sofria calada. Um dia fui dormir onde ele morava e numa hora possessa de ciúmes peguei a tesoura, cortei toda sua roupa que o fazia ficar lindo, fui para casa deixando-o dormindo. Pela manhã ele foi a minha casa, brigamos muito, ele me deixou falando sozinha e aos prantos. Passado dois meses ele voltou, fizemos as pazes, não mais falamos no acontecido, mas já não era a mesma coisa, gostávamos muito um do outro, mas algo havia esfriado entre nós, nos encontrávamos esporadicamente durante algum tempo, até que ele não mais me procurou.

Sofri muito, quase morri de saudades, mas o tempo, esse bom amigo, me consolou. Num dia de chuva sentindo o frio da solidão na cama vazia tive um momento de reflexão e sensatez, compreendi a realidade da vida. Como podia eu uma mulher pobre, quinze anos mais velha, com quatro filhos pequenos para criar competir com a juventude desta moça. A voz da razão falou mais alto e desisti deste Deus grego que me fizera tão feliz. Durante todos esses anos sonho muito com ele, onde mato minha saudades. Nunca mais o vi, mas tenho esperança de encontrá-lo e quando isso acontecer quero juntar meu corpo ao seu num longo abraço e dizer-lhe: perdoa aquele meu translocado gesto eu estava cega de amor e ciúme, até hoje o remorso me consome, eu não sabia o que fazia.

Atanásio, obrigado por um dia ter me amado e me feito tão feliz.

ROBERTO CARLOS

Separada, com filhos pequenos para criar, passando dificuldades, comecei a procurar bares e casas noturnas para ganhar dinheiro cantando, todas as pessoas que me ouviam, elogiavam minha voz e a maneira de cantar, mas esbarrei na burocracia, tinha que ter a carteira da Ordem dos Músicos do Brasil, mas como tirá-la se eu não sabia ler partitura? Fui um dia até a Ordem com a cara e a coragem, fui muito bem atendida por um maestro, que me falou que eu poderia tirar o cartão de músico prático, que no meu caso seria de cantora popular, por não saber teoria e solfejo, levou-me a uma sala com um piano e mandou-me cantar qualquer música, cantei o bolero em castelhano Sabor a My, gravado por Edy Gourmet, quando terminei, o maestro olhando-me com espanto, pediu-me que cantasse mais duas músicas, cantei “Lábios de Mel”, gravação de Ângela Maria e “Ninguém Me Ama”, gravação de Nora Ney.

O maestro, com um sorriso nos lábios, perguntou-me se eu aprendera canto, respondi que ao nascer em vez de chorar eu acredito que cantei, ele gargalhou dizendo: moça, você é quase profissional, sua voz é muito bonita e sua interpretação muito boa, fiquei muito feliz e no mês seguinte peguei meu cartão de cantora popular. Comecei a cantar na noite, mas tinha ainda que trabalhar de dia, pois cantar não era uma coisa garantida. Nesta ocasião morava na rua Gomes Freire em frente ao prédio que morava a tia do Roberto Carlos que começava a aparecer, de madrugada, ao voltar da labuta, Beto estava com o seu calhambeque parado na esquina e debruçado no volante vencido pelo

cansaço, seu carro era um conversível de capota preta e carroceria amarelo gema de ovo, eu o acordava, ia para casa e depois descia para comprar no açougue leite para as crianças, faltava leite naquela época, ao voltar ia a esquina e aí sim Beto acordava. Durante a semana quando eu saía com as crianças, duas meninas e dois meninos, Beto tirava a mais nova, uma lourinha de olhos verdes muito risonha do carrinho, cobria seu rostinho de beijos e dizia: quando você crescer vou casar com você, ela tinha um Bambi de pelúcia que chamava de Beto Carlo, o Erasmo Carlos que sempre estava com ele pegava a Nina que era uma morena, cabelos e grandes olhos negros, não tão risonha quanto a Jô, mas igualmente bonita e simpática. Beto e Erasmo usavam sempre uma calça boca de sino de veludo cotelê, a do Beto era marrom e do Erasmo era Bagé, isto se não me falha a memória. Os anos se passaram, Roberto galgou o estrelato, mudou-se, e nunca mais o vi, somente em shows. Jô, e Nina já adultas são duas mulheres muito bonitas, Jô é instrumentadora cirúrgica e Nina esteticista, quanto a mim, continuo cantando por aí nas serestas da vida, não pude me dedicar a carreira de cantora por contingências da vida quando era nova. Hoje a Jô fala sorrindo. – Mãe, encontra o Roberto Carlos e pergunta se ele ainda quer casar comigo, há! Há! Há!

UMA TRISTE HISTÓRIA

Conheci Betânia, quando eu cantava, numa casa noturna em Imperatriz no Maranhão, quem me levou foi a Magali, com quem fiz amizade quando estava trabalhando

na casa dirigida pela Sueli, também neste estado, o sistema era o mesmo, casa, comida e um cachê razoável. Era uma casa mais modesta, sem muito luxo mas a Mara que era a proprietária tratava a todos com muito carinho e respeito, era uma espécie de mãe para as meninas que lá trabalhavam. A frequência além dos famosos coroneis era de donos de madeireiras, igualmente ricos. Cada artista ocupava uma suíte, a minha era ao lado da Magali, as acomodações das meninas eram do outro lado da casa, num lugar discreto porque elas lá recebiam os seus clientes. Na hora das refeições era uma festa, acompanhada de muito converse, por ser uma jovem senhora as meninas gostavam de conversar comigo, que procurava dar sempre bons conselhos, principalmente para elas deixarem aquela triste vida, mas muitas não tinham condições, pois estavam naquela estrada há anos e não sabiam fazer outra coisa. Betânia e eu nos tornamos boas amigas. Um dia, revoltada, me contou a sua triste história. Quando tinha dezesseis anos, ela morava em Bezerros, no Recife, numa casa humilde com a irmã e o pai que era muito severo, não permitia deslize por parte das filhas. A irmã mais velha não tinha liberdade nem para namorar. Betânia era alta, vistosa, aparentava ter mais idade, um dia arranjou um namorado com quem se encontrava as escondidas, numa festa local. Ela e o namorado foram para trás da igreja e ali fizeram amor pela primeira vez. Ela ficou muito feliz, os dias se passaram, de repente Betânia começou a sentir algo estranho em suas partes íntimas. Sem saber o que era não se preocupou, mas como o desconforto aumentou, falou com a irmã, que por ter mais conhecimento, viu que o caso era sério. Teve que pedir dinheiro ao pai

para a consulta, que prontamente deu. Após o exame o médico constatou que Betânia estava com blenorragia em estado avançado. As duas irmãs ficaram apavoradas, mas o médico era amigo do pai delas e contou o que acontecera, o pai, irascível, expulsou a filha de casa sem nenhuma misericórdia. Betânia se refugiou numa casa de tolerância do lugar e contando o que acontecera foi cuidada pela dona da casa com carinho e compreensão. Quando ficou boa, começou a trabalhar na difícil vida fácil. Por lá ficou alguns anos até que sua amiga morreu e a casa foi passada para outra dona. Betânia com mais experiência e maturidade começou a trabalhar em outras casas em várias cidades, mas sempre se comunicava com a irmã. Certo dia recebeu a notícia que seu pai tinha tido um derrame e estava muito mal, a situação deles estava muito difícil, passavam por dificuldades financeiras e Betânia enviou todas as suas economias para ajudar aquele pai que tanto a desprezara. O homem, por ter uma idade avançada, passou a viver em cadeira de rodas, totalmente dependente da filha que não pode mais trabalhar. Minha amiga desde então trabalha e sustenta a casa, a irmã e o pai, faz isso sem murmurar contra a vida que foi tão dura com ela. Depois que terminou meu contrato, voltei para o Rio mas continuamos a nos corresponder, até que as cartas voltaram, ela mudou para outra cidade e não tive mais notícias desta tão querida amiga.

Acredito esteja bem, porque ela era uma boa alma.

O PERDÃO

Estava eufórica porque era o meu primeiro vôo para Recife. Todos falavam que era uma cidade linda e acolhedora, e realmente era. Nossa tripulação era da Cruzeiro do Sul, onde eu era Aeromoça. Nos hospedávamos no Hotel Boa Viagem na praia do mesmo nome. Neste vôo chegamos à noite e no dia seguinte ficávamos inativos. Era um domingo. Acordei, botei meu maiô velho e surrado, peguei a toalha de banho do hotel. Naquela época não havia as cangas de hoje. Fui à praia que era só atravessar a rua, me sentia como uma rainha, lá chegando estendi a toalha sobre a areia quente e como ventava muito coloquei minha sandália de couro nas pontas para a toalha não voar. Então percebi a presença de um simpático rapaz moreno de lindos olhos verdes que me sorriu quando nossos olhos se encontraram, eu sorri também e ele veio sentar-se ao meu lado, foi logo dizendo. – Você não é daqui do local? Respondi que não, falei que era comissária de bordo e que aquela era a minha primeira viagem ao Recife. Roberto havia chegado dos Estados Unidos onde fizera um curso de seguros que era o ramo de negócios da sua família, foi uma ótima conversa, marcamos um jantar para aquela noite. No almoço naquele hotel chique, pedi lagosta e vinho branco doce, de sobremesa, morangos com creme chantilly, foi um lindo almoço. A noite Roberto me levou à vários lugares para que eu conhecesse, me levou também a uma colônia de pescadores onde comemos sururu, um prato típico da região, muito gostoso e diferente. O restaurante tinha uma decoração bem original. Vários cascos de tartaruga,

redes e estrelas do mar pelas paredes, uma graça. Daquele dia em diante todas às vezes que ia à Recife, quando o meu charuto de alumínio chegava e eu abria a porta da comissária, eu o via acenando para mim. Ia várias vezes no mês a Recife e sempre nos encontrávamos, ele me presenteou com um lindo maiô Catalina azul que ficava muito bem em meu corpo escultural. Ele tinha vinte e três anos e nos dávamos muito bem. Roberto queria que eu fosse morar em Recife, ele alugaria um apartamento para mim e eu pediria transferência para aquela cidade, respondi que ia pensar no assunto, mas não aceitei a proposta, gostava dele mas era cedo para tomar tal decisão. Nosso relacionamento durou um ano e meio, até que me envolvi com um tripulante e saí do vôo por ter engravidado, não dei satisfação a ele, simplesmente desapareci. Não sei como Roberto descobriu o meu paradeiro, nos encontramos, eu lhe expliquei minha situação pedindo que não mais me procurasse, porque ia me casar. Ele chorou muito dizendo que me amava e que jamais me esqueceria. Às vezes o telefone da minha casa tocava e ninguém falava, eu sabia que era ele. Os anos passaram, meu casamento foi um fracasso. Após a separação, enquanto esperava o juiz dar a pensão definitiva das crianças que eram quatro, eu fazia sandálias para vender de porta em porta, pois tinha que ajudar minha mãe adotiva nas despesas da casa. Eu pegava retalhos de napa e couro numa fábrica de bolsas na Av. Mem de Sá. Um dia enquanto escolhia os retalhos ouvi um senhor dizer que estava fazendo uma encomenda grande de bolsas porque em Recife estes novos modelos estavam fazendo sucesso. Lembrei na hora do Roberto, perguntando se conhecia a companhia de seguros tal,

me respondeu que era amigo da família. Falei do meu relacionamento com Roberto e me espantei quando me perguntou se eu tinha sido aeromoça da Cruzeiro do Sul.

– Sim. – Respondi e pedi que me desse o contato do Roberto. Ele simplesmente falou que não falaria com ele que me encontrou porque Roberto havia sofrido muito por minha causa a ponto de ter sido internado numa clínica para doente dos nervos com depressão profunda. Penalizada e com remorso calei a boca e nada mais falei. Anos passaram, me tornei cartomante. Atendi uma senhora de nome Dulce que morava em Boa Viagem. Dei os dados do Roberto e pedi para ela localizá-lo. Após três meses Dulce me telefonou dizendo ter localizado uma senhora que foi funcionária da firma de seguros e informou. – Roberto após muitos problemas com bebidas, drogas e várias internações em clínicas para recuperação de drogados, suicidou-se aos quarenta e cinco anos por amor a uma aeromoça por quem curtia uma grande paixão, morreu solteiro. Fiquei muito chocada e sofri muito por ter causado esta grande tragédia. Perdão Roberto por não ter dado valor ao seu grande amor por mim.

NOEL

Aos 16 anos trabalhava num grande magazine muito famoso no passeio público chamado MESBLA, era o meu primeiro emprego, eu estava muito contente por estar trabalhando, me sentia responsável era para mim uma grande satisfação. Chegou o Natal e a loja fez um cantinho muito lindo. Havia umas grandes renas, árvore de natal

enfeitada e um trono forrado de veludo vermelho, durante o período Natalino ali sentava um homem vestido de Papai Noel. Crianças e adultos tiravam fotos com o bom velhinho, ele tinha uma voz bonita e a sua maneira de falar a todos encantava, seus lindos olhos azuis escuros puxado para a cor violeta, sua pele era vermelha seu cajado esculpido e pintado de dourado, igual as botas, sua roupa de veludo vermelho com arminho era muito linda. Um dia resolvi tirar uma foto com aquele adorável Papai Noel. Fazia alguns anos que não via meu pai biológico, precisamente desde os sete anos. Quando eu tinha vinte e dois anos depois de muita procura encontrei no ponto dos atores ali na Rua Pedro Primeiro, na Praça Tiradentes. Meu pai Alberto após longos quinze anos de procura. Quando cheguei ao ponto perguntei a um anão se conhecia o palhaço Alberto, apontando para um senhor que estava de costa disse.

– É aquele de terno marrom com uma pasta na mão. Fui até ele, bati em seu ombro e quando ele virou o reconheci de imediato e sorrindo lhe disse, eu sou sua filha Padan, ele muito espantado e emocionado perguntou. – Quando você chegou dos estados Unidos? Respondi que nunca lá estive, mas ele retrucou. – Me disseram que a família que pegou você para criar tinha ido embora para NY. Por isso eu não procurei por você. Depois de trabalhar em vários circos como palhaço e como mágico, meu pai fez um curso de radiologista e trabalhava no posto de saúde na Rua do Resende, no Centro da cidade, onde ficou conhecido como Papai Noel. Nesta noite, conversamos muito sobre o que acontecera entre ele e minha mãe, mas

ele me enrolou e contou a história a sua moda. Durante a conversa, papai contou que no final dos anos, na época do Natal se vestia de Papai Noel e trabalhava nas lojas para ganhar um extra. Lembrando daquela foto perguntei se já havia trabalhado na Mesbla ele disse que durante vários anos fez o Natal nesta loja, falei sobre as fotos que tirei aos 16 anos, e quando no próximo encontro mostrei a foto ele chorou de emoção porque o Papai Noel com quem eu tirara aquela foto era ele. Artimanhas do destino talvez.

Se você quiser saber como cheguei ao meu pai, leia o meu próximo livro. “Caminhos diversos”.

O SAPO

Eu trabalhava numa companhia de seguros como datilógrafa e lá conheci a Cléia. Logo nos tornamos grandes amigas, ela era dez anos mais velha, mas gostava da minha amizade. Um dia Cléia me convidou para ir passar um fim de semana no sítio da sua irmã em Mendes, foi tudo muito bom, o sítio era grande, tinha animais e muitas frutas. Neste sítio tinha uma empregada de nome Genía, que era uma adolescente, tão escura que sua linda cor de pele chegava a brilhar, seus olhos eram grandes e bonitos dentes que pareciam de marfim, seu corpo era truculento, muito alegre e simpática logo me encantei com ela, mas Genía era muito infeliz, fora estuprada pelo padrasto e a sua mãe não acreditando a expulsou de casa ela tinha apenas quinze anos, mas aparentava ter mais, Genía pediu abrigo no sítio da irmã da Cléia, que era ao lado e lá ficou como empregada em troca de

casa e comida sem salário. Genía por ser muito infantil gostava de comer farinha com açúcar, de beber ovos crus e fazer outras estrepolias. A mãe da Cléia, dona Jujú, que morava no sítio, era uma pessoa de gênio muito forte e muito autoritária, mandou fazer uma grande colher de pau quadrada que apelidou de Benedita e dava surras horríveis em Genía sempre que ela aprontava alguma peraltice, mas ela continuava a fazer coisas erradas, principalmente comer os ovos crus que tanto desagradava à dona Jujú, que resolveu dar uma lição a esta menina tão arteira. Ela pegou um grande sapo, amarrou por uma perna com uma fina corda e deu uma surra nesta infeliz criatura que estava desnuda, até o sapo morrer. Esta mulher contava o que fizera as gargalhadas, eu ficava com muita pena daquela menina. Genía me contou este triste episódio chorando muito, e disse que gostaria de fugir daquela casa, mas ficava trancada a sete chaves, e eu nada podia fazer. Todos temiam aquela senhora que era muito brava e má, por isso não dava colhida a ela. Um ano depois me casei e precisando de uma ajudante tive a ideia de libertar. Genía daquela algóz. Nesta época o sítio foi vendido e as duas vieram morar aqui no rio, eu continuava a frequentar a casa e devido a minha amizade com a Cléia, sabia dos horrores que ela passava. Um dia ensinei a Genía a tirar os pinos das dobradiças das portas e fugir, e assim ela fez, me telefonou e fui no meu carro buscá-la. Fiquei contente em ajudar, combinamos um ordenado, não era muito, eu e meu marido estávamos começando a vida. Mas Genía não sabia cozinhar nada, só passava as roupas simples, por sinal, mal passadas, as camisas do meu marido, que era um executivo, eram passadas por mim, e ele brigava comigo.

Eu tinha muita paciência com ela e procurava ensinar o serviço, mas ela tinha dificuldade de apreender, certo dia meu marido exigiu que eu mandasse ela embora por não saber fazer nada, comprei o jornal, arranjei um emprego para ela, dei referências, ela era uma pessoa de confiança, não mexia em nada. Um ano se passou, quando Genía veio a minha casa com seu filho nos braços pedindo ajuda. Ela namorou um rapaz que servia na Marinha, engravidou, perdeu o emprego e o rapaz queria que ela desse a criança para a mãe dele criar, Genía não concordava e tinha que se esconder. Fiquei sem saber o que fazer, pois não podia dar-lhe guarida em minha casa. Lembrei que perto da minha casa havia uma pequena gruta onde ela podia se esconder. Para sua sorte ela tinha muito leite e podia dar amamentação ao neném, que engordava à olhos vistos, eu mandava almoço, jantar, e quando meu marido estava no escritório, ela vinha tomar banho e dar banho no neném que era uma gracinha, eu ajudava da maneira que podia. Um dia Genía veio chorando muito dizer que o pai do seu filho descobriu onde ela estava e levou a criança. E Genía nunca mais viu este filho. Passaram seis anos, meu casamento não deu certo, e após separada me tornei cantora e um dia quando após uma noite cantando como crooner eu e os músicos tomávamos cafezinho na esquina da Av. Rio Branco com a Rua Don Gerardo, Genía apareceu à minha frente e contou que estivera presa por cinco anos. Ela se envolvera com um mau elemento e morava numa comunidade no subúrbio, quando foi obrigada a participar como olheira num assalto, seu companheiro e ela foram presos, ela saíra a dois dias e estava dormindo na rua, dei a ela o cachê que recebera aquela noite e os músicos que

ouviram a história também ajudaram, eu falei a casa onde eu estava cantando e que podia aparecer que eu ajudaria no que me fosse possível, mas ela não me procurou, e nunca mais a vi.

Será que fiz bem em tirar Genia daquela escravidão e colocá-la na senzala da vida?

CORREDOR POLONÊS

No ano de mil novecentos e oitenta e seis, fui convidada para fazer show numa casa famosa no Maranhão. A viagem, estadia, alimentação e o cachê eram muito bons. A proprietária da casa dirigia com mão de ferro os negócios, mas era amiga das meninas que trabalhavam sob sua direção e também com os artistas que geralmente vinham de outras cidades e estados. A casa era grande, bonita e confortável. De um lado ficavam as acomodações das meninas, que eram quartos com banheiro e moravam duas em cada quarto. Mais adiante ficava a casa dos artistas, que tinha quatro quartos, uma sala grande, nos quartos tinham dois beliches, tínhamos todo conforto, todos nós procurávamos viver bem uns com os outros, quando surgia alguma discórdia a Sueli resolvia tudo com o jogo de cintura que lhe era peculiar. No elenco havia um transformista de nome Magali, que era uma gaúcha bonita muito educada sempre solícita e afável, era muito querida por todos nós, todos pensavam que era uma mulher tal era a sua feminilidade, seu guarda roupa era lindo com muito lamê e ricos bordados, seu show era um verdadeiro sucesso. Logo chegou do Ceará a Célia que

fazia estripteese, era bonita, com um corpo escultural e um lindo cabelo louro que caía abaixo da cintura, seu show também era bom. O conjunto que tocava na casa era de nome “O Peso”. Seus músicos eram muito competentes, os dirigentes eram um casal de jovens simpáticos que tinham um casal de filhos pequenos, eram eles que me acompanhavam no meu trabalho, todos gostavam de me ouvir cantar principalmente os boleros em castelhano que sempre foi o meu forte, eu era bem quista por todas as meninas que me respeitavam pelo meu comportamento. Na casa havia um salão de beleza que era dirigido por uma jovem senhora e seu companheiro, o serviço era bom e os preços módicos.

Os frequentadores eram homens importantes, principalmente aqueles coroneis que chegavam com seus seguranças, eles eram generosos na sua paga as meninas. Com o tempo foi descoberto que a Célia estava se insinuando para o Nil que era o dono do conjunto, como todos da casa gostavam muito do casal ela foi advertida para que não continuasse a se encontrar com ele as escondidas, no tempo que a esposa cantava no seu horário que era a rodada de uma hora, mas ela não deu crédito as advertências, Sueli conversou com ela numa boa, ela desmentiu tudo e continuou a assediá-lo. Certa noite chegaram vários coroneis, que logo convidaram algumas meninas para suas mesas regadas a wisk, e fartos jantares, após o show da Magali um coronel que se encantou com ela chamou-a para sua mesa pensando que era uma senhorita, ela que era esperta, nada falou porque queria aproveitar a fartura da ocasião, mas na hora certa ela saberia como sair de tal situação como

costumava fazer. Célia, aproveitando que Magali havia ido ao banheiro, falou para o coronel que ela era um travesti, e claro que ele ficou possesso, queria dar uma surra na Magali com seu rebente, mas uma das meninas foi ao encontro dela e disse para não voltar para a mesa, e contou o que acontecera, Magali foi para os fundos da casa e se escondeu dentro do mato para não ser encontrada pelos seguranças deste homem que estava irado. Todos ficaram com muita raiva da atitude torpe da Célia, falaram com a Sueli pedindo permissão para dar-lhe uma lição, ela não gostava de violência em sua casa mas também não tinha como dizer não. Eu não sabia o que estava acontecendo, porque como de hábito após terminar meu show ia para a casa dos artistas e ficava vendo televisão. Ao terminar a função da casa, bateram na janela do meu quarto, era uma das meninas que me perguntou. – Sandy você já assistiu um corredor polonês? Respondi que não sabia o que era, então amiga fica na janela que hoje você vai assistir um, assim fiz. De repente vi as meninas fazerem uma fila com sete de cada lado, logo chegou o marido da dona do salão trazendo a Célia totalmente nua, e aí começou o corredor polonês que era da seguinte forma. Célia foi posta no meio das meninas que batiam nela violentamente, enquanto diziam por que ela estava apanhando, puxaram seus cabelos, ela gritava muito e chorava copiosamente e eu não podia intervir, fiquei com muita pena dela, mas ela foi avisada e com as meninas com raiva e alcoolizadas não se brinca, elas não tem nada a perder. Depois de muito apanhar entregaram sua mala e a mandaram embora, ela se embrenhou no mato e foi pedir guarita ao hotel Dunas que ficava atrás da casa, no dia seguinte ninguém

tocou mais no assunto e ficou tudo por isso mesmo. Três meses depois quando terminou meu contrato num dia de domingo Sueli que gostava de mim, organizou um almoço em minha homenagem, foi muito bom porque as meninas me deram presentes, braçadas de flores, Sueli fez um bonito discurso ressaltando minhas qualidades como cantora e como ser humano, senti-me lisonjeada eu também gostava muito delas. Anos depois cantado numa casa em Copacabana encontrei uma das meninas, que me deu a seguinte notícia. – Sueli casou-se com um coronel fazendeiro muito rico e fechou a casa que ficava na Cohama, e as meninas seguiram seus caminhos.

Nós que cantamos temos que estar onde o público está, não importando onde.

DETETIVE

Era um lindo domingo de sol, eu e minha amiga Evani levamos nossos filhos a praia do Flamengo, as crianças estavam muito alegres e nós também, em ver a alegria deles. Em dado momento apareceu um fotógrafo perguntando se podia tirar umas fotos de monóculo, que seria levado em casa, assim foi feito. Seu nome era Cristos, um homem com a pele curtida pelo sol, um sotaque de estrangeiro e muito culto, era gostoso conversar com ele, pois falava muito em Deus. Quando ele foi em casa levar as fotos conversamos muito e ele me contou a sua história. Ele era de nacionalidade grega, em sua juventude fora seminarista, mas ao envolver-se com o movimento maquinista foi obrigado a fugir das perseguições, vindo

para o Brasil onde foi ajudado por vários patrícios que aqui moravam, aprendeu a arte da fotografia e ganhava seu dinheiro fotografando na praia e na Quinta da Boa Vista. Como eu sempre gostei de fotografia, às vezes ia com ele para a Quinta, ele me deixava fotografar, eu tinha paciência para posar, principalmente as crianças. Logo nos envolvemos emocionalmente, nos dávamos muito bem, nos dias de chuva, quando estávamos na rua, não abríamos o guarda chuva porque gostávamos de andar na chuva rindo e brincando, era muito gostoso. Ele falou que tinha um filho de seis anos que morava em Niterói na casa que ele construía, e que pagava a uma senhora para tomar conta do menino, ele morava aqui no Rio com o amigo Sílvio que tomava conta de uma casa cujos donos estavam em Portugal, ele era separado da mãe do filho que morava em outro lugar. Num dia de Janeiro houve uma grande enchente, um verdadeiro caos, e Cristos havia ido ver o filho, em Niterói, ele sumiu, fiquei preocupada, seu amigo disse que não sabia o endereço, de repente lembrei da revista da igreja Testemunhas de Jeová, escrita em grego que ele recebia e havia esquecido em minha casa, mas a etiqueta estava rasurada, via-se apenas o final do nome da rua que era “ira argas” no mesmo instante matei a charada o nome era Alzira Vargas, no dia seguinte fui a Niterói ao saltar da barca fui ao ponto de táxi, mostrei a revista a um motorista que confirmou o nome da rua e me ensinou como chegar lá, era bem longe, quando saltei no ponto final do ônibus vi um bar, entrei e perguntei se conheciam ele, descrevi como era, o homem do outro lado do balcão, sorrindo, falou é o bela Grécia, e me disse onde era a casa; Chegando lá vi três sandálias de borracha

na porta de entrada da casa e pela janela do banheiro vi dentro de um copo duas escovas de dente de adulto e uma de criança. Bati na porta e me deparei com uma mulher bonita, cabelos louros encaracolados, lindos olhos verdes, mas de uma aparência muito fria, gélida, eu disse que era namorada do Sílvio, e que tínhamos um casamento para fotografar ela falou que ele fora para o Rio. Desconfiada, pedi para ir ao banheiro, a casa era humilde, de quarto e sala, vi no quarto uma cama de casal e um menino de cabelos louros deitado, perguntei se era filho do Cristos, sim, ela respondeu, é nosso filho que está gripado e com amigdalite. Era óbvio que era a mulher dele e que a história contada era mentira. Neste dia ele apareceu logo depois que eu cheguei, estava todo molhado porque ainda chovia, eu, muito séria, falei. – Se eu soubesse que você estava sem guarda chuva teria pedido a sua mulher um quando estive em sua casa hoje, parabéns, seu filho é muito bonito, ele me fitou muito espantado e contei o que fiz. Cristos brigou comigo, mas entendeu que eu não o prejudicara junto a sua mulher. Dei um basta a esse romance que não me levaria a lugar nenhum. Creio que seria bom detetive, vou pensar no assunto, o que vocês acham?

ESTRANHO NAMORADO

Num dia de carnaval, quando morava bem perto do Sambódromo, resolvi naquele ano ver o desfile das escolas de samba no domingo, sentou-se ao meu lado na arquibancada um rapaz não muito jovem, mas uma simpatia de pessoa, muito alegre e divertido e logo começamos a

conversar, fazendo comentários sobre as escolas, o que era muito natural, mas uma coisa me chamou atenção, ele tinha um olhar estranho, enigmático, profundo, estranho que me causava uma estranha sensação, não sabia a que atribuir. Saiamos muito para dançar, principalmente forró, onde ele tinha vários amigos, e frequentávamos a casa de alguns deles onde fiz amizade com as esposas, e costumávamos passar vários domingos com churrasco e muita cerveja. Eram todas ótimas pessoas, esse namoro durou pouco tempo, apesar de nos darmos muito bem, esse rapaz tinha um grande problema que me atemorizava muito, todas as vezes que transávamos ele em dado momento se portava de maneira estranha, confesso que ficava com muito medo. Falei sobre o que acontecia com uma amiga espírita que me explicou que naquele momento ele incorporava uma entidade que transava com a mulher que estivesse ao seu lado, depois de muito pensar resolvi terminar o namoro sem dizer a verdade, inventei que ia fazer as pazes com o meu marido, ele era uma boa pessoa e não queria magoá-lo. É difícil de acreditar, mas essas coisas acontecem.

MAÇONARIA

Sempre fui ligada em tudo que era místico por natureza, aos oito anos fui com minha tia e minha prima passear na Quinta da Boa Vista, apareceu uma cigana pedindo para ler a mão de minha tia, ela vestia uma saia longa colorida e uma blusa com bordados alegres, nos cabelos um lenço pois era casada, fiquei prestando

atenção como ela fazia e depois passei a brincar com as colegas e até adultos de ler a mão, nessa época eu não sabia que era neta de ciganos espanhóis. Quando anos depois encontrei meu pai biológico, depois de anos sem vê-lo e fiquei sabendo sobre minha descendência cigana, fiquei muito feliz por pertencer a um povo tão forte, misterioso e de cultura milenar. Comecei a cultuar com muito amor a tudo que se referia a eles, usava roupas com saias longas floridas, bem cigana, fiz amizade com ciganos de vários clãs aprendendo sua cultura e costumes, e ao descobrir que tinha o dom de ler a Buena Dicha através das cartas, comecei a jogar baralho cigano e também depois de muito estudo, além de cartomante me tornei quiromante. Eu também tinha muita curiosidade a respeito das seitas secretas Rosa Cruz e a Maçonaria, aquele símbolo que era um compasso me fascinava, assim como as histórias que ouvia a respeito dos rituais que eram praticados e da ajuda que os membros davam uns aos outros. Participei de vários eventos esotéricos organizados pelas minhas amigas Eliza Costa, Neide Marçal e o Carlos, com quem viajei para várias cidades, era uma vida bem movimentada. Sob a direção do Carlos eu e várias cartomantes trabalhamos durante quinze dias no Niterói Plaza Shopping, o evento foi um sucesso. Um dia sentou-se a minha mesa um senhor de meia idade, muito bem vestido, com ar de executivo, ele não era de muita conversa, comecei a tirar as cartas e a traduzir o que elas diziam, ele não falava uma só palavra fui falando o que lia e em dado momento, eu disse. – O senhor é um homem muito espiritualizado, tem uma forte proteção e devia entrar para a Maçonaria, ele riu e abrindo uma pasta que trazia consigo, mostrou um avental bonito

e disse. – Eu sou Maçom e os mestres que estão aí atrás da senhora falaram muita verdade, eu fiquei muito feliz. Gostava de atender as pessoas e ser-lhes útil, pois muitas pessoas precisavam desabafar seus problemas e com meus dons podia ajudá-las. Quando eu ia para casa de ônibus passava no Campo de São Cristóvão em frente a uma casa rosa que era uma loja Maçônica, um dia num repente, saltei e vendo o portão da casa aberto, entrei, não havia ninguém vi uma escada antiga de madeira, olhei para os lados e como não via ninguém, fui subindo, vi vários quadros enormes de várias personalidades ilustres, pintados a óleo, com uma placa dourada onde estava escrito o nome e o grau, muitos eram Grãos Mestre 33, eu andei por todos os lugares desta casa e ninguém me viu. No último andar deparei com um anfiteatro com poltronas de veludo vermelho e no palco uma linda cortina também de veludo vermelha, me detive na porta e quando resolvi entrar para admirar tanta beleza, ouvi uma voz que disse: – aí você não pode entrar, obedeci na hora, pois já tinham permitido que eu fosse longe demais. Quando saí, um senhor me viu e perguntou como eu entrara, respondi que simplesmente entrei porque tinha essa vontade há muitos anos. Obrigado Grãos Mestres por terem me dado esta felicidade.

AS MARIOLAS

Na década de 60, na hora do trânsito pesado era muito comum as longas filas dos ônibus, principalmente no Largo de São Francisco e na Praça Tiradentes. Eram filas quilométricas que levavam os passageiros

aos subúrbios cariocas. Nas ruas era aquela correria, as pessoas se atropelavam pelas calçadas, os ambulantes aproveitavam o movimento para vender suas mercadorias que normalmente eram comestíveis, as pessoas saíam do seu trabalho e com a pressa de entrar nas filas, para chegar mais cedo aos seus lares, compravam biscoitos de polvilho, biscoitos amanteigados, sorvetes, tudo que fosse capaz de saciar-lhes a fome, e as viagens geralmente eram longas.

Todos os dias junto com todos estes pequenos empresários do asfalto, chegava junto às pessoas nas filas um rapaz bem apessoado e muito simpático, ele vendia dentro de uma caixa, grande quantidade de mariolas, por ter um preço barato. Eram bem vendidos. Toda vez que ele chegava à fila, cujo ônibus ia para a Praça Seca, um senhor começava a reclamar, dizendo. – Vejam só, um rapaz saudável, em vez de arranjar um emprego fica perturbando a gente, cansado de trabalhar, doido para chegar em casa, vendendo essas porcarias de mariolas, vai trabalhar seu vagabundo. O rapaz por ser educado e respeitar os mais velhos, nada dizia, mas ficava triste por ver tanta ignorância. Esta cena se repetiu por uns dois anos, as pessoas que estavam na fila encorajavam o rapaz a continuar e a não dar crédito aquele rabugento cavalheiro. Passaram-se alguns anos, um dia o antigo vendedor de mariolas descia as escadas do Ministério do Trabalho, envergando seu impecável terno de executivo e segurando em suas mãos sua pasta de couro alemão e deparou com aquele homem que outrora tanto o humilhara, pediu licença aos seus colegas, dirigindo-se a ele, dizendo. – O senhor lembra-se de mim? O homem respondeu. – Sinto

muito mais não lembro. – Pois então vou lhe refrescar a memória, sou aquele rapaz que o senhor chamava de vagabundo, porque vendia mariolas no ponto do ônibus. Fazia aquele trabalho com muita honra para complementar a mensalidade da faculdade de direito que naquela época fazia. Hoje sou advogado estou fazendo concurso para juiz, graças as mariolas que vendia. E o senhor, por falta de instrução, vai se aposentar aí onde está agora. – Não devemos menosprezar o nosso semelhante.

JUSTIÇA

Helém era minha vizinha, morava num quarto com seu filho de oito anos, no apartamento ao lado do meu. Seu filho às vezes vinha em minha casa brincar com meus filhos, o pai do menino ajudava financeiramente no que podia, e apesar de ser um homem maduro, fazia faculdade de direito. Helém era corpulenta, formas esculturais, muito bonita, engraçada, era também trabalhadeira e fazia faxina para três senhoras e assim ela ia vivendo. Um dia mudou-se, o Delmar alugou um apartamento pequeno e foram morar juntos. Passados alguns anos encontrei Helém na Rua do Senado, chorando muito, perguntei o que tinha acontecido. Ela contou que estava sendo despejada e não tinha para onde ir com seu filho. Delmar havia ido embora depois que ela descobriu que ele estava namorando uma juíza, Helém foi ao fórum e armou uma tremenda confusão, quase foi detida. Nesta época eu morava num duplex com três quartos e penalizada falei que ela podia morar em minha casa até sair a pensão alimentícia do seu

filho. Ela levou a geladeira, um fogão e um sofá cama onde dormiam. Durante quatro meses a alimentei e a seu filho com a maior amizade, mas Helém tinha uma energia muito negativa e causava grande desconforto em toda a casa e em todos nós, eu e meus filhos. Eu trabalhava fora e quando a pensão do menino foi liberada, Helém, calada, esperou eu ir para o trabalho e meus filhos irem para o colégio, juntou o que era seu, surrupiou minha enceradeira, um liquidificador, e algumas roupas que ela mesma me havia vendido e já estavam pagas, e nem um bilhete deixou. Às vezes eu cruzava com ela nas ruas do Centro. Certo dia encontrei com uma antiga vizinha, também sua amiga, que me contou o seguinte. – Helém com os atrasados da pensão do filho comprou um lote de terreno em Santíssimo, construiu um quarto e um banheiro onde passou a viver, mas a justiça de Deus tarda mas não falha, um dia quando ela não estava em casa, caiu um tremendo temporal com grande ventania, o barraco desabou soterrando todos os seus pertences e o dinheiro da pensão do filho que recebera no dia anterior. Ela foi morar num centro espírita que a acolheu com seu filho. Sempre que a via, mudava de calçada, porém um dia ela veio atrás de mim e pondo-se a minha frente me fez parar, e com os olhos marejados de lágrimas, pediu que a perdoasse, disse também que todo dia cinco de Agosto, dia do meu aniversário, ela acendia uma vela e orava a Deus por mim, pois fui a única amiga que lhe deu a mão quando estava no chão. A justiça de Deus tarda mas não falha.

BOA SORTE

Na minha adolescência eu era muito assediada pelos rapazes na rua onde morava, todos queriam me namorar eu achava engraçado ser tão paquerada e me divertia muito com tudo isso. Depois, quando minha madrinha se associou a um clube no bairro do Grajaú, nós íamos aos domingos a piscina e aos sábados a noite aos bailes, onde eu não parava de dançar, nessa época eu era magra, muito bonita de rosto e de corpo. Mas eu era muito recatada, gostava de conversar com os meninos e minhas colegas nas escadas da casa onde morava, na Rua dos Artista 43, onde ficávamos cantando e contando causos, mas não queria namorar ninguém, mesmo porque minha mãe era muito severa e me vigiava todo o tempo. Certo dia fui com minha mãe a um centro espírita onde todos eram da mesma família, e ela comentou o que me acontecia. – Uma entidade chamada vovó Maria Conga disse que eu estava com um encosto de uma jovem que foi morta pelo namorado por ser muito namoradeira, foi feito uma prece e doutrinação para aquele espírito ter paz e seguir seu caminho para a evolução. Este encosto eu peguei não se sabe onde, pode ter sido num baile ou mesmo na rua. Nesse centro disseram também que eu tinha um Bombo Gira de frente que botava os namorados no meu caminho, mas Deus sempre me protegeu e nada de mal acontecia comigo. Anos depois tive o seguinte sonho – Vi uma porta com uma cortina metade preta e metade vermelha, na frente tinha um bode preto bem velho com os chifres retorcidos e um grande cavanhaque branco, perto dele estava uma mulher muito bonita com um vestido brilhoso

de cor azul com rosas vermelhas, seu cabelo também era vermelho e sorrindo para mim falou – Pinta o cabelo da cor do meu para te dar sorte na vida, acordei um pouco assustada, mas logo voltei a dormir. Obrigado, mas eu já tenho muita sorte na minha vida moça.

O ASSALTO

Morava com meus filhos num apartamento de quarto e sala, no Centro da cidade, há três anos, os dois mais velhos ainda adolescentes pintavam camisetas na sala, que depois eram vendidas em feiras de artesanato, eu não gostava daquela bagunça, mas era um meio deles ganharem um dinheirinho já que eu não podia dar mesada. O contrato do imóvel havia terminado e o proprietário, apesar de eu ser boa pagadora, pediu o imóvel, pois eu não podia pagar o aumento que ele pedia. Fiquei preocupada, seria difícil alugar outro apartamento com o que eu podia pagar, mas como sempre tive muita fé em Deus e sabia que podia contar com a sua ajuda e esperei com paciência que algo de bom acontecesse. Comprei o jornal e vi o anúncio de uma casa ali perto, foi difícil achar a Rua Travesso Plano Inclinado quando encontrei e fui ver o imóvel, gostei muito e o aluguel estava dentro das minhas possibilidades. Para chegar a casa, tínhamos que subir vinte e cinco degraus, tinha dois quartos, uma boa sala, cozinha, e no quintal tinha um cômodo que logo foi escolhido para fazer a oficina onde seriam pintadas as camisetas. Essa travessa era bem pequena e dava para a Ladeira do Castro, os meus filhos ficaram bem contentes,

a noite era pouco iluminada, mas como os meninos não chegavam altas horas, não tinha grandes problemas. A noite, muitas vezes, ouvíamos passos fortes e vozes, eram os policiais, pois havia ali perto uma comunidade e nessa rua tinha uma entrada para lá. Era seguro morar ali, apesar dos pequenos problemas existentes. Antes de mudar, eu no domingo fui levar algumas coisas miúdas em uma grande sacola, já havia escurecido mas ainda era cedo, de repente ouvi uma voz masculina, que dizia: – Para aí, é um assalto! Senti um frio na barriga no chakra do plexo solar, eu sabia que era sinal de perigo, emitido por meu corpo físico e espiritual, respirei fundo quando o homem que estava atrás de mim ficou a minha frente e encostou o cano do revólver na minha barriga, ele era jovem, moreno, e usava uma jaqueta preta, o seu comparsa era branco, magro, e usava uma touca de crochê preta e branca enterrada até os olhos, e o moreno disse para mim, – Abre a bolsa, obedeci, dizendo bem calma. – Não tenho nada de valor, somente bijuteria, perfumes, calcinhas e sutiãs, você pode pegar o que quiser, ele olhando para o seu companheiro, ordenou, dá uma geral nela, mas o rapaz não se mexeu, então falou novamente, – Já disse, dá uma geral nela, mas o seu comparsa nada fazia, então eu olhei para ele e vi que estava de boca aberta, olhos esbugalhados, olhando para mim espantado sem fazer um só movimento. O moreno que estava um degrau abaixo me olhou e, arregalando os olhos, e com a voz trêmula, falou, colocando a mão no meu ombro: desculpe, vai, segue teu caminho, e colocando a arma dentro da jaqueta falou para o outro, vamos embora, assim se foram, eu subindo os degraus gritei em voz alta, estou me mudando para aqui amanhã, dá cobertura para

mim e meus filhos. Ele, sem olhar para traz, fez com a mão acima da cabeça um gesto que dizia sim. Moramos nessa casa durante um ano, saímos porque no assoalho deu um cupim, chamado broca, que eram umas baratinhas minúsculas branca leitosa, além do chão elas atacaram as portas e janelas, após uma inspeção o proprietário disse que teríamos que nos mudar para ele fazer obras. Um dia eu os encontrei e cumprimentei normalmente, eles me olharam como se nunca tivessem me visto. Quem eles viram no dia do assalto só eles sabem.

SONHO LINDO

Os mestres que fazem parte da minha egrégora espiritual, usam os sonhos para me avisarem de algo ou algum esclarecimento. Sempre sonhei muito e gosto da maioria dos sonhos que tenho, tem alguns que se repetem e vou várias vezes ao mesmo lugar com as mesmas pessoas. É muito difícil ter pesadelos. Sonho com terremotos, acidentes vitimando muitas pessoas, mas como avisar se não me é mostrado o país ou a cidade onde vai acontecer o cataclismo. Quando aos treze anos ganhei um livro intitulado “A Volta ao Mundo”, fiquei fascinada pela história, cultura e costumes da Índia e do Egito. Passaram-se, quatro anos e quando aos dezessete eu trabalhava na Mesbla, na Rua do Passeio, houve uma exposição no segundo andar com artefatos, roupas e toda história da Índia, fiquei deslumbrada com tudo que via. Nesta ocasião conheci um indiano de nome Amba Prasade, de vinte oito anos que me pediu em namoro, eu aceitei, ele me atraía

muito, andava sempre usando terno, sandália de couro e turbante combinando com o terno, não era bonito, mas era uma figura exótica. Ele me tratava com muito respeito e carinho, sempre me dava bombons e às vezes pequenos bouquet de flores, era um cavalheiro. Os fins de semana eu ia para casa da minha madrinha, que morava no bairro do Grajaú, e quando ele ia me buscar para irmos ao cinema ou namorar na praça Edmundo Rego era o sucesso, devido a sua aparência, e eu ficava envaidecida. Oito meses depois Amba tinha que voltar para a Índia onde ficaria por um ano e depois iria morar em Londres, pois trabalhava com um adido da Embaixada da Índia aqui no Brasil. Ele perguntou se me casaria com ele, respondi que sim, ele foi falar com minha mãe de criação que não permitiu o casamento, dizendo que eu era muito nova, e que não daria certo num país tão distante e de costumes tão diferentes. Amba falou que seria difícil me esquecer porque gostava muito de mim e sabia que eu me adaptaria aos costumes e a vida com ele, pois eu era muito inteligente. Passaram-se muitos anos, quando tive o seguinte sonho.

– Era uma rua de terra e no lugar contrário onde eu estava vi Mahatma Gandhi, já idoso, com vários discípulos, pensei. – Lá vai meu amigo Gandhi, neste momento ele virou o rosto e me viu do outro lado da rua, falando com os que o seguiam atravessou vindo ao meu encontro. Abraçamos-nos como para aplacar a saudade e falei. – Eu agora sou brasileira, ele respondeu, eu sei e passando a mão sobre o meu ombro me conduziu à uma casa, perto de onde estávamos, ao entrar vi uma esteira de palha grossa e um rolo que devia servir de traveseiro,

havia uma mesa no meio deste ambiente e em frente um senhor de cabelos grisalhos, Gandhi disse para ele. – Neruh, fica com ela, eu não quero vê-la indo embora outra vez e me dando um beijo na testa e um grande abraço bem apertado, saiu cabisbaixo. Eu acordei sentindo uma grande saudade apertando meu peito e chorando. – Hoje entendo essa grande atração por esse país lindo e cheio de mistério, tive uma vida passada lá.

AVISO DO ALÉM

Aos dezessete anos minha mãe adotiva ficou viúva, pois o pai Luiz morrera, e a pensão da marinha estava demorando a sair, ela vendeu a casa ótima em que morávamos e nos mudamos para um bom apartamento na rua do Riachuelo, ao lado da antiga Lapa, que era um lugar estranho naquela época. O prédio em que morávamos pertencia ao Hospital da Ordem do Carmo, era muito familiar. Precisei trabalhar para ajudar nas despesas e a vovó Ana também ajudava costurando, ela era uma grande costureira e se fosse hoje, estaríamos bem de vida. O meu primeiro emprego foi na Mesbla, que ficava na Rua do Passeio, eu ia a pé porque era muito perto de casa. Trabalhava no quinto andar na seção chamada Entradas magazine, por onde passavam as mercadorias de todas as seções, com seus encarregados. Na seção de malas e artefatos de couro trabalhava um senhor de meia idade, seu nome era Sr. Torres, ele era muito simpático, sempre bem humorado, conversava com todas nós e dava sempre bons conselhos, pois as funcionárias daquela seção eram

muito jovens. Um dia sonhei com o Sr. Torres sentado numa mesa redonda com uma toalha branca, vestindo um terno branco, e olhando para ele, perguntei. – Sr. Torres, porque o senhor está tão amarelo e com olhos de peixe morto? Ele respondeu, é que eu morri agora e vim te avisar, acordei e fiquei muito triste, pois gostava muito dele. No dia seguinte ao chegar ao trabalho e entrar no elevador recebi a notícia que ele havia morrido aquela noite em sua casa, do coração. Obrigado amigo por ter mostrado a sua amizade me avisando da sua morte.

Esse livro é disponibilizado de forma gratuita por **Quiromancia Online** e **Nelson Neraiel**, para visualização individual.

É completamente proibida a reprodução mecânica ou eletrônica desse livro ou o espelhamento desse em qualquer outro site que não o Quiromancia Online.

É expressamente proibido:

- Modificar ou copiar o texto;
- Usar esse livro para qualquer finalidade comercial ou para exibição pública (comercial ou não comercial);
- Remover quaisquer direitos autorais ou outras notações de propriedade do livro.

Copyright © 2025 **Quiromancia Online**.
Todos os direitos reservados.

